



# Memórias de Mimi Sato: mensagens e reflexões em *confetos* (Homenagem Póstuma)



Foto: Izan Petterle (2008)



**OBERVARE**  
(OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL)  
Coletivo de educadores e educadoras ambientais

Mérida (Yucatán, México)  
Maio 2023



## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

Amizade é tudo, é uma coisa incomensurável, incrível, fortalecedora de caráter. Ela vive no companheirismo, na camaradagem, na sintonia, na afeição, na tolerância e nas aprendizagens entre pessoas. Não obstante, o que acontece com a força da amizade quando, de repente, algo triste surge do nada, e você fica sabendo que partiu para outras jornadas uma querida amiga?

Partiu Michèle Sato, nossa afetuosa Mimi. É uma sensação tremenda, um infortúnio, um choque, um vazio que se abre. Porém, em seguida, advém a sua memória viva, sua expressão, suas falas, seu rosto e jeito peculiar de falar. Isso nos traz imensa paz e alegria, seja nas lembranças, nas convivências, nas trocas, nas ações e nas conversas com ela, além da força intrínseca de seus abraços.

Professora, pesquisadora, estudiosa, orientadora, amiga, mulher, mãe, literal ou fraternalmente, ativista. Uma sonhadora, arteira artista, ela sempre dizia.

Ela fortaleceu a ideia de *CONFETOS*, isso apareceu em muitas das colaborações da presente homenagem. Era uma brincadeira com as palavras que ela tanto prezava, conceitos e afetos: **confetos**. Bem próprio de sua atuação, existência, resistência, surrealista. Era uma pessoa engajada com ciência e arte, mediada pela Educação e o social. Bem próprio das influências filosóficas de Gaston Bachelard, transitando entre o racionalismo científico e os devaneios poéticos, com intimidade.

Nesse texto reunimos mensagens, reflexões, depoimentos, poesias para rendermos energias à lembrança da vida dela. Muitas pessoas prepararam e enviaram alguma contribuição para essa compilação de textos, muitas outras gostariam de ter enviado, mas não conseguiram para esse momento. Todavia, todos(as) seguimos em conexão com esse ser iluminado, Mimi Sato.

Aqui trazemos essas tantas recordações pulsantes. Produzidas pelo coletivo OBSERVARE (Observatório de Educação Ambiental), apoiados pela revista **Educação Ambiental em Ação**. Falamos das influências que recebemos e as ações, situações e debates que vivenciamos com Michèle Sato. Mensagens que gostaríamos de ter feito em vida para nossa amiga.

Essas mensagens agora ecoam, ecoaram, transformando ideias, sentimentos, sensações e sementes em potência de ação, em árvores devidas. Agora ela segue viva, intensa, pulsando em nossos corações.

**Luiz Afonso V. Figueiredo<sup>2</sup>**

Organizador da compilação de Memórias  
para a revista **EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM AÇÃO**  
30 de maio de 2023

---

<sup>1</sup> Agradecemos a Bere Adams da revista **Educação Ambiental em Ação** pelo apoio e divulgação. A imagem de fundo da capa é uma reprodução da pintura de René Magritte (O Nascimento do Ídolo, 1926). A foto do plano de fundo do texto (Pôr do Sol na Represa do Broa) e poesia final são de autoria de Luiz Afonso V. Figueiredo. Os textos das mensagens foram incluídos em ordem alfabética do primeiro nome do primeiro autor.

<sup>2</sup> Professor-pesquisador aposentado da área de Educação, Ciências Ambientais e Ecoturismo pelo Centro Universitário Fundação Santo André e docente convidado do Curso de Especialização em Patrimônio Espeleológico (UPF/FCCM). Membro ativo de redes e entidades ambientais (REBEA, REPEA, RUPEA, REASA, GESMAR, SBE).

## SUMÁRIO DE AUTORES

1. Alexandre de Gusmão Pedrini	4
2. Aluizio de Azevedo Silva Junior	6
3. Amadeu J.M. Logarezzi	8
4. André Boccasius Siqueira	9
5. Angela Martins Baeder	10
6. Anna Christine Ferreira Kist	11
7. Bárbara Dias Ferreira	12
8. Celso Sánchez	14
9. Clélia C Mello Silva A Costa	16
10. Cleusa Helena Guaita Peralta Castell	18
11. Dal Bezerra	20
12. Edna Costa	21
13. Elisangela Castedo Maria do Nascimento	22
14. Elni Elisa Willms	24
15. Fatima Elizabeti Marcomin // Helia del Carmen Farías Espinoza (Helinha)	26
16. Flávia Torreão Thiemann	28
17. Glauco de Kruse Villas Boas	29
18. Graciela Cristina Berno Acco	30
19. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA-UFMT)	32
20. Heitor Queiroz de Medeiros	34
21. Inês Noronha	35
22. Jakeline Modesta Almeida Fachin // Lidiane Gil Becker // Tatiani do Carmo Nardi	36
23. Jessica Prudencio Trujillo Souza	38
24. João Batista Figueiredo	39
25. João Carlos Gomes	41
26. José Matarezi	43
27. Jussara Lopes de Miranda-	46
28. Leidy Gabriela Ariza	48
29. Lucie Sauvé // Elsy Yaneth Castilho-Ordoñez	50
30. Luiz Afonso V. Figueiredo	52
31. Marcos Sorrentino	55
32. Maria Cristina Nascimento Vieira (Tita)	56
33. Maria Henriqueta Andrade Raymundo	57
34. Marilena Loureiro da Silva	58
35. Markus S. Wolfjdünkell Bűdzynkz	59
36. Mauro Guimarães	60
37. Maylta Brandão dos Anjos	61
38. Paulo Diaz Rocha	62
39. Pavel Dodonov	63
40. Penny Kopernick	64
41. Rachel Trajber	65
42. Rafael Nogueira Costa	67
43. Regina Aparecida da Silva	69
44. Rita Silvana Santana dos Santos	71
45. Rosana Gonçalves da Silva	72
46. Sandro Tonso	73
47. Solange Ikeda Castrillon	74
48. Sonia Palma	75
49. Suely Cristina L. Siqueira	77
50. Vanessa Balochini	81
51. Vera Catalão // Claudia Pato	84
52. Victor Hugo de Oliveira Henrique	85
53. Yára Christina Cesário Pereira	86
Dança da Alegria (Luiz Afonso V. Figueiredo)	87

## Michele Sato....genialidade a serviço do Brasil e seu povo.

Alexandre de Gusmão Pedrini<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor Colaborador do Programa de Mestrado Profissional em Formação em Ciências para Professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro-Campus Geraldo Cidade. Professor Associado Aposentado do Instituto de Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-Campus Maracanã-RJ; criador e facilitador da Rede de Educação Ambiental de América Latina (REALatina).

Em 2001, eu já conhecia a Michelle de conversas virtuais pela REBEA e leitura de suas obras como sua tese de doutorado (SATO, 1997). A Educação Ambiental (EA) estava começando a se institucionalizar no plano federal tanto no Ministério da Educação e Cultura (MEC) como no de Meio Ambiente (MMA). Uma de suas líderes a inesquecível educadora Naná Minini Medina promoveu, em 2001, uma reunião em Brasília para planejar coletivamente o Sistema Brasileiro de Educação Ambiental (SIBEA). Convidou colegas das redes, pois naquela época nos articulávamos e comunicávamos nacionalmente essencialmente pela REBEA e localmente pelas redes estaduais e regionais.

Nessa reunião foi que, pela primeira vez, pude cumprimentá-la e conhecer sua simpatia. Na Fig.1 é possível visualizar alguns outros educadores ambientais que eu lembro os rostos. A professora Sato aparece de blusa azul e ao seu lado esquerdo a educadora uruguaia Naná Minini Medina que ladeia a educadora Aurora Maria Figueiredo Coelho Costa da Paraíba e eu de camisa amarela (Alexandre de G. Pedrini). Atrás de Michele a educadora Patrícia Mousinho (de óculos). Atrás de Naná, o educador mato-grossense Heitor Queiroz de Medeiros. De óculos, o educador Antonio Guerra com uma camisa listrada horizontalmente em branco e preto. Atrás de todos se destacando o educador mineiro Aluísio Cardoso. No canto esquerdo sentada de óculos está a educadora Vivianne Amaral. Os restantes eu não me lembro mais.



Fig. 1 – Encontro para pensar a formulação do Sistema Brasileiro de Informação em Educação Ambiental (SIBEA), em 2001, em Brasília.

Considero o trabalho mais importante já publicado na Educação Ambiental o que foi escrito por Michele Sato da UFMT e Pablo Meira Cartea da Universidade de Santiago de Compostela na Espanha (MEIRA; SAITO, 2005). Esse artigo publicado na Revista de Educação Pública da Universidade Federal de Mato Grosso, em 2005, remete a um ditado da Galícia (Espanha) que traduz nossa percepção da atual sociedade humana: “Só os peixes mortos não conseguem nadar contra a correnteza”. Significa que a maior parte dos cidadãos vive como que automatizado e passivamente em suas residências como se estivessem mortos e não pudessem lutar contra as dificuldades da vida, e fossem levados como os peixes rio abaixo e não rio acima contra a correnteza, sendo arrastados pelas águas. Mas os convidam a lutar contra a correnteza.

Porém, nesse mesmo artigo (MEIRA; SATO, 2005) é formulado um quadro de enorme contribuição científica e pedagógica aos conceitos de desenvolvimento sustentável e principalmente ao de sociedade sustentável (SS). O paradigma do educador ambiental crítico é, sem dúvida alguma, a sociedade sustentável em oposição ao desenvolvimento sustentável (DS) uma das fontes principais de derivação da definição de sustentabilidade alardeada pelos empresários como o grande avanço contemporâneo. Entretanto, atualmente, já estão substituindo pelo conceito de “Ambiente, Sustentabilidade e Governança” (ESG “em inglês”). Os empresários vivem criando índices e prêmios com variadas siglas que na realidade eles próprios não cumprem, mas vivem gabando-se que os alcançaram. Graças a inteligência, criatividade, brilhantismo e genialidade de Michele (em diálogo com outro educador sensacional e muito querido, Pablo Meira Cartea) temos hoje o único conceito bem cunhado e aprofundado de SS (e facilmente distinguível de DS) aplicável em qualquer área do conhecimento especialmente na EA.

Eu não convivi pessoalmente com a Michèle, mas isso não me impediu de criar laços com ela. Meu contato foi essencialmente profissional. Em apenas, duas vezes, é que pude ter contato mais amigável com ela. O contato mais intenso foi quando precisei da intermediação dela para me ajudar a evitar a publicação equivocada de um artigo em um periódico no exterior (infelizmente não foi possível evitar, mas a questão foi resolvida entre editora e autor). E a outra foi quando ela demandou auxílio aos colegas do Observare e pude fazer uma singela contribuição para ajudá-la.

Ela faz muita falta a todos nós. Os depoimentos e homenagens manifestados pelo país são a prova disso.

## Referências

SATO, M. 1997. **Educação para o ambiente amazônico**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, PPG-ERN/UFSCar, Tese de Doutorado. 1997, 226 p.

MEIRA, P.; SATO, M. Só os peixes mortos não conseguem nadar contra a correnteza. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v.14, n.25, p. 17-31, 2005.

## Aprendendo a ser borboleta com Mimi Sato

Aluízio de Azevedo Silva Júnior<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Estagiário de pós-doutorado no Laboratório de Comunicação e Saúde da Fiocruz (RJ), ex-orientando de mestrado da Mimi Sato (2017-2019). Cigano de etnia Calon, artista e ativista.



Figura: Cara-col, autores: Aluízio de Azevedo e Cícero Garcia. Oferecida à Mimi Sato (2007)

### Borboleta

*O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.  
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta seria, com certeza,  
 um mundo livre aos poemas.  
 Daquele ponto de vista:  
 Vi que as árvores são mais competentes em auroras do que os homens.  
 Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens.  
 Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.  
 Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas.*

**Manoel de Barros**

Não foi com Manoel de Barros, que escreveu este belo poema, que aprendi a ser borboleta. Foi com Mimi Sato. O tomo emprestado para esta homenagem, pois descreve perfeitamente o meu sentimento em ser borboleta e cada vez que vejo e me sinto uma borboleta, lembro que foi a Mimi que me ensinou. Musa inspiradora da ciência e da arte, orientadora de Mestrado e amiga querida, foi quem abriu os meus olhos e alma para um mundo com seres humanos, animais, plantas e seres coexistindo em uma ecologia centrada em Gaia.

Com Mimi, tive o privilégio insetal de ser uma borboleta. Fã ardorosa de Manoel de Barros, além de pesquisadora altamente produtiva nos campos da Educação e da Educação Ambiental (EA); era poeta de mão cheia. Uma artista sensível, que como Gaston Bachelard, conseguia unir esses dois contrários: a ciência e as artes. Uma marca que ficará viva no seu legado e ex-orientandos. Foi com Mimi Sato aprendi que as árvores são sim mais competentes em auroras do que os homens.

Primando por uma educação Paulo Freireana, mais do que repetir que “eva viu a uva”, praticava a conexão contextual, não apenas socioeconomicamente, como também ambientalmente. Entre conceitos e os afetos, espalhava amor no acolhimento a todas as diversidades e grupos em situação de exclusão. Ao mesmo tempo, tecia habilidosas e contundentes críticas pela libertação do planeta das garras da opressão desenvolvimentista da globalização. Com ela, me situei em uma educação ambiental, que não separa a cultura da natureza e nem os direitos humanos dos direitos da terra.

Convivendo e sendo acolhido enquanto cigano, LGBTQIAP+ por Mimi Sato, compreendi “que as tardes são mais aproveitadas pelas garças do que pelos homens”. E que o Pantanal tem um valor inestimável. Aprendi que a ciência não precisa ser dura, nem rígida. Que as metodologias podem dialogar com os fenômenos, mas os sujeitos jamais devem ser relegados a segundo plano e nem a natureza.

Aprendi com Mimi “que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens”. Que os espíritos das águas das culturas indígenas ou do folclore popular brasileiro não são meras lendas ou mentiras. Que os mitos representam essa imbricação total entre humanos e meio ambiente, cultura e natureza e que são uma forma muito rica de percepção dos povos tradicionais. Mimi Sato me ensinou que o desenvolvimentismo, o progresso, a globalização e o capitalismo, são cegos não apenas para o bem estar, o bom viver, a inclusão social e educacional, como também é cego quanto às graças oferecidas pelo meio ambiente. Ainda com essa “Borboleta”, aprendi “que as andorinhas sabem mais das chuvas do que os cientistas”, que, por vezes, se assoberbam, ficam indolentes e giram apenas em torno de si mesmos e de um modelo hegemônico que apenas mantém opressões, colonialidades e exclusões do capitalismo, justificando-o. Mas também foi com Mimi Sato que aprendi o verbo “esperançar”, que conjuga sempre acreditar e ter fé que é possível mudar o mundo para melhor, com mais justiça ambiental, justiça social e justiça epistemológica.

Que os povos tradicionais e os povos ciganos e todas as minorias oprimidas pelo capitalismo, colonialidade ou heteropatriarcalidade, como e mulheres e dissidentes de gênero e sexualidade, são também re-existent e promovem sociedades sustentáveis, uma alternativa ao modelo de desenvolvimento sustentável, arremedo ao velho sistema.

Fundamentalmente, foi com Mimi, que aprendi e a ser pesquisador e me apaixonei pela ciência e aprendi a ser educador ambiental. Não poderia ter outra orientação melhor no mestrado em educação que cursei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pois além de uma orientadora de primeira qualidade em produção acadêmica, mantinha uma poderosa crítica no campo da educação ambiental brasileiro, revigorando-o a partir de Mato Grosso. E, principalmente, além de uma orientadora atuante, pronta para atender e muito parceira e compreensiva, ganhei também uma amiga pessoal querida e mais do que isso uma forte aliada dos povos ciganos, que desde 2007 nunca deixou de estar em todos os seus diálogos com os povos tradicionais. Mimi você vive em nós e seu legado será honrado!

## Com Michèle

Amadeu Logarezzi<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Ambiental da Universidade Federal de São Carlos.  
GEPEA/UFSCar – São Carlos-SP

escrevo diretamente para a Michèle que conosco está em nossos corações e em nossas elaborações,

que conosco esteve também biologicamente até há pouco,

e que continua a estar no brilho de nossos olhos leitores do mundo por meio da cientificidade e da arte,

duas ágoras que agora estão a metamorfosear sua ausência em presença que continua nos afetando e que conosco continua afetando o mundo

**se há vida na vida havida,  
e há vida na vida a vir,  
é porque há vida na vida ávida,  
grávida dádiva da ágora do agora**

sendo a vida a diva do agora adentro de cada um/a de nós,  
que permanentemente comungamos o mundo ágoras afora,  
pois:

**Só dote dádiva é a vida de todos<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> palíndromo construído por Marina Wisnik e cantado por Zé Miguel Wisnik

## Michèle, uma biblioteca de conhecimentos

André Boccasius Siqueira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Campus Litoral

Agradeço aos organizadores a oportunidade em expor um breve depoimento sobre essa acadêmica e pessoa tão importante e sensível como a Michèle Sato.

Por muito tempo Michèle era apenas “Sato”, pois a conheci através de seus escritos, suas reflexões, sua paixão de expor seu pensamento. Foi adentrar num mundo diferente. Suas reflexões ajudaram-me a adentrar num campo de aventuras, de explorações, de sobrevivência que é a Educação Ambiental. Michèle não teve receios em mostrar seus sentimentos, algo incomum nos textos acadêmicos em que o sentimento fica à parte dos escritos científicos. A EA ganhou uma defensora não somente teórica, mas prática. Seu carisma contagiava a todos a sua volta. Com o rigor acadêmico organizava seus projetos e os dos orientandos. Os trabalhos de seus orientando não somente orientados, foram vivenciados pela Michèle. Cada um deles foi acompanhado com entusiasmo e vontade de fazer sempre o melhor pela cultura local e nacional, e pela pesquisa em EA.

Conheci Michèle pessoalmente quando participávamos de uma banca. Foram dois dias de convívio e muito produtivos. Percebi ser uma pessoa meiga, carinhosa, simples que emanava conhecimentos e uma luz radiante. Esses dias ficaram marcados em meu presente e futuro acadêmico. Ela dá visibilidade e espaço acadêmico para a cultura popular em seus projetos de pesquisa e publicações que marcam um modo diferenciado de fazer e escrever na academia. Seus escritos ilustrados por artistas populares, por poetas (in)visíveis demonstra sua sensibilidade em reconhecer a cultura popular como um saber também importante para ser visto/estudado/refletido no espaço acadêmico que, por vezes, é um nicho engessado.

Toda sua bagagem de conhecimentos permanece e permanecerá por muitas décadas na academia. Ela fez diferença. Ela é diferente. Michèle é única. É reconhecida na comunidade ribeirinha e na acadêmica. Não ia a campo somente para entrevistar os “informantes” para suas pesquisas, ela vivenciava a rotina dos sujeitos. Via coisas que nem todos reconheciam como importantes e fundamentais. Trazia para a academia esses sujeitos simples e, muitas vezes iletrados, que nos banhavam de cultura. Conhecemos vários deles através dela.

A academia sentirá falta de sua presença e de suas reflexões. Michèle permanecerá em nossos corações e em nossas reflexões acadêmicas. O aperto no coração custará a sair, a se esvaír, se é que sairá. Sentiremos saudades...

## Sentimentos vivos em Michèle

Angela Martins Baeder<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professora aposentada pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Colaboradora na UFABC. Consultora em Educação Ambiental e Meio Ambiente, CADES Butantã 2022-2024/SP e UNICATA.

Conheci a Michèle, Mimi, durante alguns encontros de Educação Ambiental e lembro bastante dela durante o V Congresso Ibero-Americano de EA (Joinville -SC, abril de 2006). Também a entendi um pouco por suas publicações: livros, artigos entre outras. O principal sentimento que sempre me transmitia era a sensibilidade, o amor e dedicação profunda naquilo que fazia.

Para mim, ela conseguia envolver fortemente as pessoas não só pela razão, por suas ótimas ideias, sua visão sistêmica e rica da complexidade da realidade, mas por todas as outras dimensões de afetividade e sensibilidade, nem sempre valorizadas nas corridas do cotidiano e na vida atual e nem nos processos educativos.

Na Michèle apareciam muito vivos o sentimento e entendimento do mundo nas dimensões profundas das relações humanas e das relações da sociedade com e na natureza. Era assim que eu a percebia e sentia, pessoalmente e no universo da Educação Ambiental. Fará muita falta para iluminar a busca de saídas para um mundo melhor!

## Mimi Sato! Presente !

Anna Christine Ferreira Kist<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Membro do Observatório de Educação Ambiental. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Território/GPET. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Mimi é força,  
Mimi é resiliência,  
Mimi é luta,  
Mimi é gratidão,  
Mimi é acolhimento,  
Mimi é diálogo,  
Mimi é partilha,  
Mimi é afeto,  
Mimi é Conhecimento,  
Mimi é Arte,  
Mimi é luz,

Mimi re-existe!  
Nas mãos que se entrelaçam!  
Nas mãos que acolhem!  
Nas mãos que lutam!  
Nas mãos que plantam!  
Na voz que se levanta!  
No rio que corre!  
No pássaro que voa!  
No verde das matas!  
Na árvore que cresce majestosa!

Mimi Vive!  
Em cada olhar!  
Em cada grito!  
Em cada semente!  
Em cada semear!  
Em cada fruto!  
Em cada florescer!  
Em cada Sonho!  
Em cada Utopia!  
Em cada Esperançar!  
Em cada luz que ilumina pela eternidade!

Mimi Sato Presente! Presente! Presente!  
Michele Sato Presente ontem, hoje e Sempre!

## Mimi Beija-flor

Bárbara Dias Ferreira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Biológicas, Arte-Educadora-Ambiental, Mestranda pelo PPG-CiAC Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), integrante do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT).



Em uma noite de luar sonhei com uma casa escura. Lá estavam todas as minhas angústias. Eu olhava para o lado e não via cor, era tudo uma paleta cinza. Do lado de fora, um tempo frio e úmido. Os musgos no muro de pedra apontavam para um abandono, como as telhas já tortas do telhado, com aspecto de muito tempo atrás. Do lado de dentro da casa, paredes frias, um sofá de couro escuro e rasgado. Eu olhava pra tudo aquilo sem muita energia.

De repente, entrou naquela sala sem muita vida uma figura colorida. Muita luz entorno dela, uma camisa no estilo hippie tie Day, com quase todas as cores. O ambiente ficou iluminado e quente.

Era a Mimi! Ela olhou pra mim e falou “não se preocupe Babi, vai ficar tudo bem!”. Babi era o jeito carinhoso que ela me chamava. Eu sempre gostei da combinação Mimi e Babi. Depois de me abraçar com suas palavras ela ergueu a mão e de repente, apareceu um beija-flor pousando em seu dedo. Depois apareceram mais dois, três... A imagem que se formou era da Mimi beija-flor, colorida e iluminada me mandando seu Amor através do sonho. Logo resolvi criar uma Arte pra mandar pra ela, contando dessa beleza de encontro.

Nós não nos conhecemos pessoalmente, nosso encontro físico aconteceria em Setembro deste ano, no dia do seu aniversário. A vida é um espetáculo e está o tempo inteiro nos convidando ao improviso. Todos nós que sentimos esse aperto e vazio no peito por compreender que agora a Mimi, além de presença é também saudade, estamos improvisando sem ela. Michèle Sato é Arte, vida e luta! Michèle Sato estará para sempre conosco em todas as ações e pesquisas em Arte-Educação-Ambiental.

## Ela foi primavera fazendo gente florida

Celso Sánchez<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UniRio coordenador do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur GEASur e colaborador do GPEA-UFMT



Foto: Celso Sánchez (Rio de Janeiro, 20 maio 2023)

Ela foi primavera  
Com todas as flores, cores, sons, aromas,  
Brisa leve e colorida,  
Foi sendo feita e fazendo gente florida  
Que parecia jardim

Tecelã de laços e redes,  
fiou os fios que fazem correr rios,  
Ventou com as ventanias,  
E fez-se raiz de tanta gente que buscava chão.

Ela fazia Tempo,  
Esse tempo de germinar,  
De romper cascas,  
Tempos de fazer brotar.

Ela era o tempo semente,  
Tempo de inquietar-se,  
Mover-se,  
Fazer-se de si o próprio destino  
E ensinava a despir-se diante da vida,  
E semear.

Ensinou a ser arco-íris no horizonte,  
Ser mais próximo e aconchegante,  
Fez chover e fazer sol,  
Fez-se paisagem,  
Cerrado, Amazônia e Pantanal.

Ela ensinava que por mais difícil, tortuoso e penoso seja o caminho  
Valia a pena a luta

Por que, o que faz gente que ensina a ser tempo?

Ensina a caminhar com coragem,  
Ensina a seguir em frente,  
Ficar de pé,  
A ser canoa e cambará.

Ensina  
Que "carece ter coragem",  
Pro mundo inteiro mudar,  
Pra quem se indigna com injustiças e maldades,  
Cada passo dado foi e será inspiração,  
Pra tantas outras caminhadas.  
E ela seguirá  
Ensinando sobre a vida,  
De chegadas e partidas.

Viva Michele Sato,  
Que siga seu caminho,  
E nós guiados por suas pegadas,  
Saibamos coexistir, conviver e coabitar,  
Pisando suave a Terra,  
Que ela tanto nos ensinou a amar.

Muito obrigado Michèle  
Por tudo

## Michèle PRESENTE no IOC/ Fiocruz: Ensino, Extensão e Pesquisa

Clélia Christina Mello-Silva Almeida da Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Laboratório de Avaliação e Promoção da Saúde Ambiental, Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, Líder do grupo de pesquisa em Saúde e Educação Ambiental com ênfase nas relações.

Ensinar, algo que Michèle fazia com maestria, por onde passava promovia encontros, reconstruções e aprendizagem. Esse é um resumo do nosso primeiro encontro, uma aula aberta remota no YouTube, encerramento da minha disciplina de Educação Ambiental crítica para promoção da saúde em 28 de junho de 2021, cujo tema foi Perspectivas da Educação Ambiental. Pedi também que falasse sobre Arteducação ambiental. Foi maravilhosa, ela nos contou lindas histórias sobre ensino, pesquisa e extensão no quilombo Mata Cavalu/ MT (Figura 1). Antes da aula, nos encontramos de forma remota, ela queria saber mais sobre a turma, a proposta da disciplina e da aula aberta. Uma lição que devemos levar, saber para quem e o que ensinar para o público que nos convida. Nessa ocasião descobrimos laços científicos, ela tinha sido supervisora do pós-doutorado do Mauro Guimarães e eu tinha sido supervisionada por ele. Bem, ela fazia parte da minha genealogia científica, o que muito me orgulha e honra.

Depois desse encontro, outros vieram, mediados por outro amigo, Celso Sanchez. Michèle participou também do encerramento (Figura 2) na aula 6 do nosso 1º curso internacional de Educação Ambiental de base comunitária e ecologia política que aconteceu de forma remota, parceria entre a Fiocruz e o Geasur. Nesse dia, ela não estava bem de saúde, mas o compromisso com amigos e com o público não a impediram de estar conosco e viver esse curso e extensão *online*. Foram mais de 3.000 inscritos no curso e essa *live* teve 1,3 mil visualizações.

Na pesquisa, Michèle foi e sempre será nossa referência, sua pesquisa permanecerá viva em nossas pesquisas e em nossas práxis. No mês passado (abril de 2023), ela participou como público alvo da pesquisa (especialistas da área de educação ambiental) de doutorado da minha aluna Luciana Leda sobre educação ambiental climática. Ela foi uma das primeiras a responder, sabia da importância do tema. Em breve suas opiniões sempre marcantes e teoria bem fundamentada, estará publicada nos resultados dessa pesquisa.

Ensinar, Pesquisar e praticar a extensão, esse tripé faz parte da docência de ensino superior e pós-graduação, mas para Michèle era especial, pois para além de atividades acadêmicas, ela as vivenciava com amorosidade e competência, valorizando os saberes não só de seus discípulos, mas de todos, fazendo história nos municípios, estados e países que passava. Michèle sempre presente em cada um de nós, como uma marca, somos Michèle, somos Educação Ambiental.

Google | Plataforma Sucupira | Plataforma Sucupira | Educação ambiental para pr: x +

youtube.com/watch?v=jRn1qZtw3BM

aula aberta

Perspectivas da educação ambiental

FIOCRUZ

Michèle Sato  
https://gpeaufmt.blogspot.com

Repetição das principais mensagens do chat

- Gabriela Louzada Grata por fazer parte de um grupo como este!
- Aline Cooper Lindo demais! ❤️❤️❤️
- marcia souza Trabalho maravilhoso!!
- Raissa Climaco Bom dia
- Cotia Zepp Que bacana!!! 🍌🍌🍌
- Thayná Borges 🍌
- Gabriela Louzada Lindo!
- marcia souza Lindo!!!
- Ana Cristina Peixoto Parabéns!!!!
- Gabriela Louzada Lindo acabar as apresentações mostrando a nossa união, a participação de todos os grupos nessa construção. Parabéns!!!
- Raissa Climaco Que bacana 🍌🍌🍌
- marcia souza Todos os trabalhos estão lindos! Parabéns para todos os envolvidos!!
- Izabela silva Opção 2
- Maira Baki Arte educação

Educação ambiental para promoção da saúde com ênfase nas relações parasitárias

Enso em Biociências e Saúde... 1,89 mil inscritos

Inscrição 32 Compartilhar Salvar

Pesquisar 23°C Ensolarado 11:21 21/05/2023

Figura 1 – Print de tela da aula aberta sobre Perspectivas da educação ambiental por Michèle Sato na disciplina de Educação Ambiental para Promoção da Saúde da PPGEB/ IOC/Fiocruz em 28 de junho de 2021. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=jRn1qZtw3BM>

Google | PLATAFORMA SUCUP | Plataforma Sucupira | Documento de Clélia | Memórias Mimi Sato | (548) Aula 6 - Edu... x +

youtube.com/watch?v=ZT8E9GiYuzg&list=PLxjEEFSocXoKetEt6gfOidZ7q5EDI5B9&index=10

Pesquisar

Celso Sánchez (GEASur-UNIRIO) Clélia Mello

Michele Sato, Michele que honra ter vc aqui conosco no dia de hoje, no encerramento, nosso Grand

Aula 6 - Educação ambiental, suas fronteiras e Paulo Freire

Geasur Unirio 2,3 mil inscritos

Inscrito 234 Compartilhar

1,3 mil visualizações Transmitido há 1 ano

Repetição das principais mensagens do chat

- Anna Paula Parabéns prof Matarezi
- Davi Alves Fantástico trabalho!
- Cinthia Mendonça Sobre a palavra RESILIÊNCIA, usada no nome da Residência Artística, faz menção ao termo utilizado na ecologia para tratar do ponto de inflexão das florestas, vegetações ou do meio ambiente.
- Cinthia Mendonça É uma residência que sugere uma experiência geográfica/territorial fora dos ateliers de arte ou dos laboratórios de ciência.
- Elaine Pereira Falo sob o viés que combina com Paulo Freire, que não é psicologizante.
- Paloma Araújo 🍌🍌🍌
- Shirlei Barros 🍌🍌🍌🍌🍌
- Téo Armino Teodósio Parabéns Matarezi. Obrigado!!!!
- Gabrielle Araújo viva!!!
- Elaine Pereira Grande debate e lindos trabalhos!
- Simone Rodrigues Viva a arte!!!!
- Mariluci Neis Carelli Fica lindíssima a história

Memórias Mimi S...doc

Pesquisar Pôr do sol 16:35 21/05/2023

Figura 2- Print de tela do encerramento do curso de internacional de base comunitária e ecologia política, aula 6- educação ambiental, suas fronteiras e Paulo Freire. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZT8E9GiYuzg&list=PLxjEEFSocXoKetEt6gfOidZ7q5EDI5B9&index=9>

## Para você Mimi: Saudade de uma arte-educadora ambiental, mas com muitos esperanças pelo seu legado!

Cleusa Peralta Castell<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Docente aposentada do Instituto de Letras e Artes e do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental/FURG, Rio Grande, RS



Nosso último contato foi via resposta à minha proposta de artigo para o novo livro de coletânea sobre Educação Ambiental e Arte, Sementes da arte-educação ambiental, que Mimi e seus colaboradores/as: Elni Elisa Willms, Rafael Nogueira da Costa e Rogério de Almeida, estavam organizando.

Na provocação poética à nossa convocatória, Mimi nos falava da possível sementeira que conjugaria a educação ambiental e o esperar, “na ciranda artística movida pela criação, invenção ou imaginário, na chuva que torna a terra macia para melhor acolher as sementes da arte-educação-ambiental”.

À minha resposta, ainda inconclusa, mas enviada como resumo, ela respondeu:

**“show querida  
amei a vaga...  
com promessas de virar tsunami para arrebentar corações  
gratíssima”**

A **vaga** foi invenção da poetisa Mimi à minha preocupação que explicitarei da seguinte forma: neste momento de sementeiras e esperanças, a AEA vem consorciar-se ao alerta sobre as emergências climáticas, também à sua contraparte e no campo da criação artística e estética, a questão do próprio imaginário ciberneticamente

colonizado. Como se reconfiguram as matrizes dos nossos imaginários e repertórios imagéticos, em tempos de tecnologias digitais, redes de interação, excitações e anúncios da Nova Era da inteligência artificial?

As emergências também ocorrem na nossa própria sensorialidade, nas bruscas rupturas com o nosso espaço/tempo na e da Natureza, são deslizamentos e inundações das nossas telas mentais, pelas quais avalanches de figurações cibernéticas nos assolam, sem filtro crítico ou estiagem reparadora. Que esse alerta e tantos outros do campo de nossa arte-educação estética e ambiental possam seguir como tsunamis do bem, que Mimi tanto incentivava, sempre irreverente e amorosa, mas com a visão acurada dos devires e esperanças.

Sigo no meu compromisso de semeadora dessa terra que se tornou macia sob os passos de nossa querida Mimi, com saudade! Movida pela energia espiritual que, para a minha sensibilidade, ela emanava, oriental e brasileira, ilustro essa despedida com a imagem de uma xamã andino-amazônica, criação do artista Thiago Talassi (<https://www.facebook.com/thiagotalaci?mibextid=ZbWKwL>) e meus cristais de conexão e aterramento.

Aho! Namastê e Evoé!

## Saudades de Mimi Sato

Dal Bezerra<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Bióloga. Consultora Socioambiental (SSA/BA). Membro da Rede de Educação Ambiental da Bahia - REABA

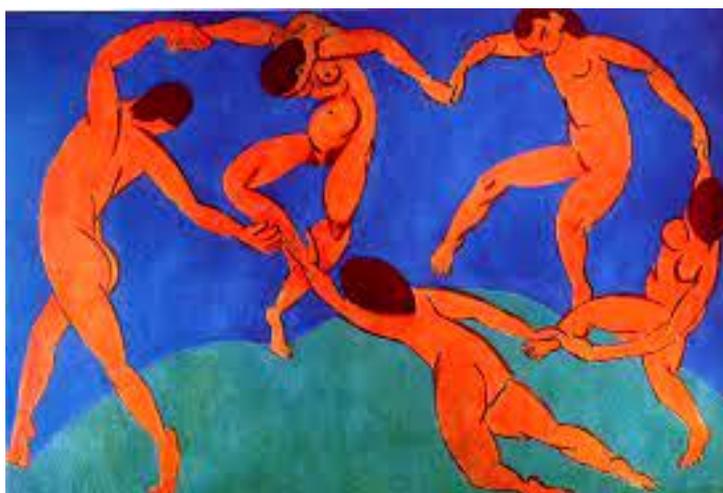
De sua poética socioambiental

À paixão por Roger Waters.

Da fenomenologia ao Boal.

Do ensino, pesquisa e extensão,

A *La danse* de Matisse no cosmo celestial.



Uma licença poética para reverenciar uma amiga.

Ela no meio dessa ciranda, festejando.

Simples, singelos, sinceros, saudosos versos.

## Apenas um encontro

Edna Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Educadora Ambiental em Ribeirão Preto, SP

Há anos que não via a Mimi, mas sempre a senti presente. Seja por alguma conversa pela Internet, por nunca esquecer meu aniversário, pela ocasião há mais de dez anos, que me levou para conhecer a Chapada dos Guimarães, algo que me marcou muito. Pelo gosto pelos "Davids", Bowie e Gilmour. Pelo amor por Rita Lee. ❤️ Pelas visitas que fez em Ribeirão Preto e tínhamos oportunidade de nos ver, papear sobre tudo, tomar o café da D. Ilza e nessas ocasiões, aprendi muito com ela. A D. Ilza, senhora gente boa, que me recebia na casa dela para ter papos intermináveis com a Mimi. Falávamos sobre tudo, filhos, família, amigos, rock'n roll, academia, educação ambiental, arte, ríamos muito. Ela me contou inclusive que fazia parte do grupo que fundou o Cine Clube Cauim, tradicional na cidade. As horas passavam e a gente não percebia. Agora eu moro num prédio vizinho do prédio da D. Ilza e cada vez que vou pegar o elevador, olho para ele pela janela e me vem essas doces lembranças que não viverei mais.

Siga na luz, minha querida. 🙏

Brilhe nas estrelas junto com o Bowie. ★



## Michèle Sato: uma inspiração

Elisangela Castedo Maria do Nascimento<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Pertencente ao Grupo de Pesquisa Diversidade Cultural, Educação Ambiental e Artes, Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental, Observatório de Educação Ambiental – Observare, Educadora Ambiental na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul/ Arquivo Público Estadual.

Presente em muitas leituras, citações diretas e indiretas, nas discussões de conceitos, uma referência...

Uma referência... nas aulas da graduação e na Pós-graduação, onde muitos amigos meus tiveram a oportunidade e o privilégio de tê-la como professora, ali ao vivo e a cores. Minha referência na Educação Ambiental, a diva.

Uma surpresa... quando soube que meu orientador já havia sido orientado pela diva. Um orientador orgulhoso por ter sido orientado e se tornado um amigo de muitos anos e que se mantinha muito próximo por meio de grupos de pesquisa e escritas em conjunto.

O medo e a insegurança... quando meu orientador anunciou que a diva estaria na minha banca de doutorado juntamente com Martha Tristão, outra gigante.

E agora... vou revisar a escrita, como será analisada essa escrita? Será que está à altura desses ícones da EA no Brasil? Mesmo sendo a distância, por conta da pandemia, veio a ansiedade de ouvir suas considerações ali na telinha do computador, falando diretamente para mim.

Chegou o dia... na qualificação não pode estar presente, fiquei decepcionada, porém mandou um parecer contundente, incisivo e muito carinhoso, ali tinha muitas referências e seu número de telefone para tirar as dúvidas. Não acreditei, para mim ela era uma pessoa inatingível para os reles mortais.

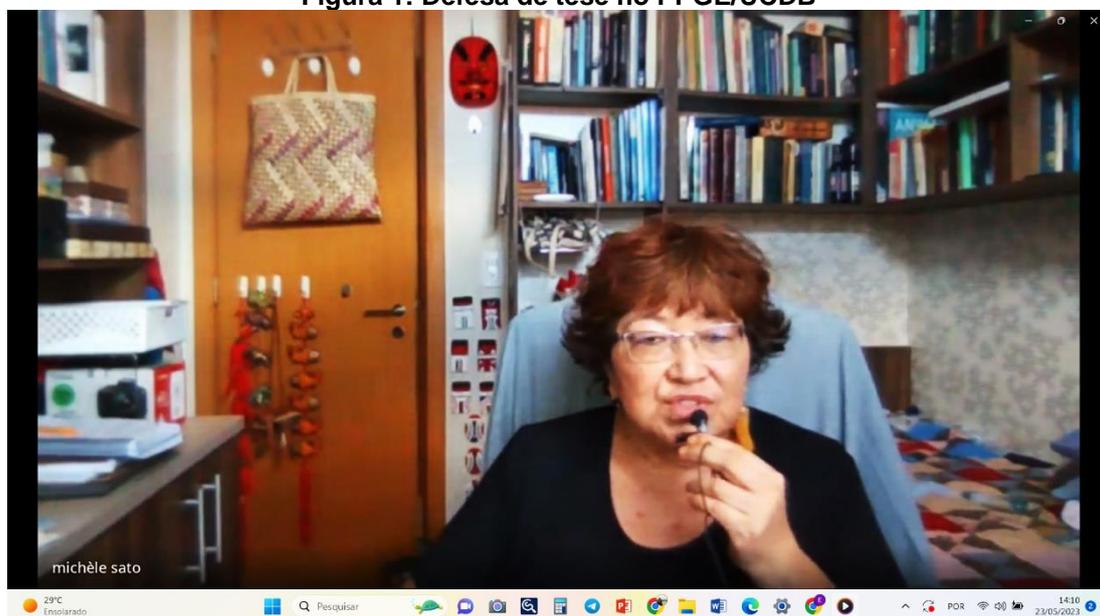
Entre qualificação e defesa, uma grande surpresa ...

Quanto engano... entrei em contato e descobri uma pessoa totalmente diferente do que havia idealizado, uma pessoa maravilhosa, sábia, simples, humilde, humana, atenciosa, carinhosa que me orientou em várias oportunidades.

Dia da defesa, lá estava ela... Todos falaram, mas era ela e Martha que eu ouvia com atenção, eu esperava uma pancada, mas no fim ela elogiou.

Sou muito feliz Michèle, por ter tido a oportunidade de tê-la conhecido, a Michèle real fora dos livros, de ter sido orientada mesmo brevemente, de vê-la em ação na construção da EA. Agradeço por compartilhar seus planos de aula, seus métodos no ensino de ciências, seus saberes, sua poesia e arte sensível.

Você não apenas está presente neste mundo, como está presente em nossos corações caminhando conosco em cada ação que desenvolvermos por um mundo melhor. Obrigada!



Fonte: arquivo pessoal (2021)

## Michèle Sato e um verbo: esperar

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Educação, Departamento de Teorias e Fundamentos da Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, GPEA; PPGEDU Universidade Federal de Rondonópolis

*Vou ensinar o que agorinha eu sei, demais:  
é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre,  
mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo.  
A gente deve de poder ficar então mais alegre, mais alegre, por dentro!...*  
João Guimarães Rosa, *Campo Geral*

Desde a notícia de que Michèle Sato não resistiu, fiquei com a sensação de certa orfandade, misturada a sentimentos de saudade, admiração e amor. Para mim a Michèle foi primeiro uma estrela gigante que brilhava de longe: eu era professora no campus da UFMT de Rondonópolis e ela a pesquisadora renomada na sede em Cuiabá. Por uma feliz sincronicidade eu fui convidada pela Regina da Silva, braço direito e parceira de pesquisas da Michèle Sato, para fazer permuta de campus e eis que em 2019 fui recebida no GPEA, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, coordenado pela Michèle.

Com ela eu finalmente compreendi o que é um grupo de pesquisa. Companheirismo. Produção acadêmica com arte. Na observação de como ela fazia as pessoas se engajarem nos trabalhos, durante a pandemia principalmente – ela trabalhou muito – eu pude aprender sobre emergência climática, arte e educação ambiental. A necessidade da militância política: Como ela conseguia, em pouquíssimo tempo, mobilizar dezenas de pessoas para defender alguma causa! Trabalho que ela fez com sabedoria, posicionamento político, ética e arte. Uma verdadeira educadora. Acredito que ela chegou na categoria das pessoas sábias, pela serenidade e alegria com que sempre nos recebia. Mas era também muito exigente: quando precisava ela dava o recado de maneira muito direta, porém educada. Sim, para educar é preciso ter certa firmeza amorosa e ela tinha essa qualidade.

Michèle Sato, Rafael Nogueira da Costa (UFRJ), Rogério de Almeida (USP) e eu estamos organizando uma coletânea sobre educação ambiental e arte, vai sair pelo portal de livros abertos da USP. O nome dela continuará na coletânea (*in memoriam*). O texto-convite, escrito por ela, sintetiza um pouco da potência do esperar e continua a nos mover, com a alegria mais alegre – como o personagem Miguilim da epígrafe – de tê-la conhecido:

*"Após quatro anos de dormência oriunda do tempo seco e de solo infértil, a semente brotou. No vazar sentimentos de esperanças, a arte revisita a educação ambiental! Como as telas, as fotografias, o cinema, a literatura, a arte de rua e o imaginário, entre outras expressões, podem comunicar a emergência climática, a regeneração dos biomas brasileiros, a inclusão dos grupos sociais em situação de*

*vulnerabilidade e os processos da educação ambiental nas escolas e fora delas? A proposta da sementeira conjuga educação ambiental e esperar, na ciranda artística movida pela criação, invenção ou imaginário, na chuva que torna a terra macia para melhor acolher as sementes da arte-educação-ambiental."*

Nenhuma palavra conseguirá dar a dimensão da importância dela na minha vida pessoal e profissional. Sua passagem por nossas vidas é exemplo para continuar a nos alimentar de esperança. É isso: Esperançar é um verbo que eu derivo dessa experiência com a Michèle Sato e que eu sinto que continua a nos mover.

Grata! Gracias! Merci! Muito amor pela minha amiga, que carinhosamente me chamava de irmã e ao Manuel de cunhado português.

Que ela siga o caminho, do outro lado, com o brilho amoroso de uma estrela maior!

### três haicais e duas cores para michèle sato! viva e presente



*No monte Kazuraki*

**Quero contemplar uma flor  
à primeira luz do dia –  
para ver a face de um deus**

**Se soubesse cantar  
não pararia  
até as flores murcharem**

**Com folhas novas  
gostaria de limpar  
as lágrimas de teus olhos**

BASHÔ, Matsuo. *O eremita viajante*. Porto:  
Assírio & Alvim, 2016. p. 144, 145 e 147



com gratidão, elni  
paris, maio 2023

## Um tributo fenomenológico a Michèle Sato

Fatima Elizabeti Marcomin<sup>1</sup>, Helia Del Carmem Farias Espinoza<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte – GPEA – MT - Brasil

<sup>2</sup>Pesquisador da Fundação Espírito-Santense de Tecnologia, ES - Brasil

Esta escrita evidencia um dos ensinamentos de Michèle Sato: “Do eu isolado ao nós coletivo”. É no coletivo que nos fortalecemos! Um curto relato da essencialidade dessa vibrante e potente mulher! Como ela mesmo dizia, este texto é, assim, um ato corajoso de quem se arrisca, e se arriscando, consegue recriar novos significados.

Um ser único! Uma raridade! Uma fenomenóloga que “caracoleou” nos elementos bachelardianos ao desenvolver sua Cartografia do Imaginário. Amava as metáforas, a filosofia, a ciência, a arte, a poesia, o surrealismo... Enfim, a vida!

Como a água é símbolo simultaneamente do nascimento e da morte, cada etapa de nossas vidas é um renascer para novas experimentações e sensações. Morre-se, efêmera e transitoriamente, para que novas cartografias possam ser desenhadas nas metamorfoses de uma longa viagem. Viagem que ela começou agora.

Por isso, Michèle não foi. É! No presente. É esse o contexto desta escrita.

Michèle é força e delicadeza ao mesmo tempo! É água de cachoeira, translúcida, forte, penetrante, intensa! Mas também mansa como os corixos pantaneiros. É terra fértil que possibilita a vida, permitindo o rasgar da semente que avança solo acima e o adentrar penetrante das raízes. É fogo incandescente que arde no centro da Terra e em volúpia é arremessado para a superfície. É ar fresco que nos toca a face e nos alivia o braseiro do verão, acariciando e convidando-nos para um descanso e repouso relaxantes. É árvore – de preferência Ipê-Amarelo – imponente que luta bravamente nas tempestades para manter-se de pé. É flor delicada que encanta a todos, mas que ainda assim é firme e dura quando necessário. É bicho que luta em defesa da cria e do território chamado TERRA. É noite e dia, todas as estações do ano, sol e chuva, tudo borbulhando, pulsante, vida, criação, “re-nascimento”, formação, “de-formação”, transformação, reverberação, revelação.

Estamos todos (seres vivos e ambientes) interconectados e se já associamos a natureza como analogia, Mi também é uma semente que germina, se transforma e nos transforma todos os dias. Ela é uma luz, uma força que ecoa veemente dentro de nós e nos convida a SONHAR, mostrando-nos caminhos sem nos obrigar a segui-los, ela se abre como uma flor nos dizendo que tudo é possível. Nossa Mi é uma borboleta que representa transformação. Ou melhor, uma abelha - um ser polinizador - de ideias, de ciência, consciência e de educação ambiental, como define magistralmente Sturnino de la Torre.

Enfim... Mi é um ser agregador! Dialoga com seres místicos, sagrados, com seres diversos, trazendo discernimento, objetividade, vigor e rigor à causa ambiental e humana. Com amorosidade, fala mansa, poesia e arte ensina, compartilha, resiste, insiste e defende, corajosamente com a própria vida, a justiça, dignidade, respeito,

visibilidade e igualdade. Sempre com ética, respeito e amor.

Como as obras de René Magritte, Michèle é SURREAL! É, essencialmente, TRANSCENDENTAL! Como não a amar?

Michèle jamais foi! MICHÈLE É!

Mi... NOSSA GRATIDÃO E AMOR!

## Um quase encontro final

Flávia Torreão Thiemann<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Fubá Educação Ambiental (São Carlos – SP)

Conheci a Professora Michèle Sato quando fiz sua disciplina de educação ambiental durante meu doutorado na UFSCar, entre 2009 e 2012. Eu já a conhecia de nome, e meu doutorado era no campo da educação ambiental, então cursar a disciplina foi uma escolha óbvia.

Gostei muito das aulas, e lembro de ter me identificado de cara com ela por causa de uma menção dela ao David Bowie, meu artista favorito. Lembro de ter ido conversar com ela ao final desta aula, e de ter comentado depois como era curioso entrar no doutorado aos 42 anos, fazendo com que meus referenciais culturais fossem mais próximos daqueles das professoras do que das demais estudantes, na faixa dos 20 anos.

Nos reencontramos depois apenas online e pelo WhatsApp. Eu ajudei a editar um número especial da revista *Environmental Education Research*<sup>4</sup> que recebeu um artigo da Regina, Michelle e Michèle, e enviei pelos correios alguns exemplares da revista para a casa da Michèle. Mais recentemente fiz o curso online de justiça climática, organizado por ela.

Nosso último contato foi no carnaval, ela me mandou mensagem me convidando para almoçarmos juntas aqui em São Carlos, estava vindo visitar os filhos. Não deu certo nosso encontro, ela precisou desmarcar, mas eu jamais poderia imaginar que não teríamos outra oportunidade de nos encontrarmos. No dia 16 de abril eu vi uma mensagem no Observare sobre seu estado de saúde, e enviei a minha última mensagem para seu WhatsApp, que ela não chegou a ler: “Oi Michele vi as mensagens no observare, quis te escrever diretamente, você sempre foi tão carinhosa comigo, espero que você logo se recupere e fique bem, beijo grande 😊”.

Nunca é fácil acompanhar essa travessia final. Deixo aqui minhas sinceras condolências à família e às pessoas mais próximas, em especial Regina e Michelle. Que as doces lembranças acalentem vocês e ajudem a encontrar consolo.

---

<sup>4</sup> Regina Silva, Michelle Jaber & Michèle Sato (2018). Social mapping and environmental education: dialogues from participatory mapping in the Pantanal, Mato Grosso, Brazil, *Environmental Education Research*, 24:10, 1514-1526, DOI: [10.1080/13504622.2018.1545151](https://doi.org/10.1080/13504622.2018.1545151)

## Mensagem para Mimi

Glauco Villas Bôas<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Centro de Inovação em Biodiversidade e Saúde-Fiocruz

Um diálogo feito recentemente nesses tempos difíceis que ela passava, pouco antes dela ser internada. Eu dizia para ela: Mimi sigamos juntos na construção de um mundo melhor. Como já dito pelo poeta Paulo Cesar Pinheiro: "*o importante é que nossa emoção sobreviva*".

## As palavras fogem desde o dia da tua partida

Graciela Cristina Berno Acco<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Participante do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA-UFMT).

Oi, Mimi!

Eu passei horas buscando uma forma de tentar descrever o quanto você foi incrível pra mim. Mas eu nunca vou conseguir expressar isso!

Meu coração está dilacerado pela sua partida, como eu queria ter mandado aquela mensagem pra você, pra dizer que eu tinha voltado!

Mi, você me ensinou tanto!!! Você me ensinou a ser GENTE, você me ensinou o que é empatia, o que é respeito e principalmente você me ensinou a sonhar grande.

Eu me lembro de ter te conhecido, lá em 2006, na sua aula, a primeira coisa que pensei foi: tem como a aula ser legal!!! Caramba, é gostoso aprender assim!

Mi, eu sou a primeira da minha casa a entrar pra uma faculdade e eu achava que aquilo era tudo, você me mostrou que aquele era só o começo. Me apresentou a vida acadêmica e eu pude viver intensamente aquele lugar.

Eu fui PIBIC e comecei a pesquisar, veja bem, eu pesquisadora... que incrível!

Eu me lembro da primeira vez que participei de um colóquio, como todos falavam bonito e como era difícil entender algumas coisas, mas você sempre com aquele sorriso, pacientemente me explicava.

Como você era disputada! Tínhamos ciúmes de você!

Mi, quando a bolsa acabou você não queria que eu saísse e sabia da minha necessidade então você me pagava pra estudar, sim, a Mi me pagou o equivalente a bolsa por vários meses e em contrapartida eu deveria organizar a agenda dela. É claro que não deu certo, porque ela precisa me lembrar dos compromissos! [risos].

Eu nunca te vi como a professora pós-doutora, aquela que lemos e usamos como referência intelectual. Eu te vejo como uma alma grande, tão grande que não precisa mostrar todos os títulos que tinha.

Uma vez, lá na sua casa na Chapada, numa das vezes que íamos pra lá, me lembro de você sentada na rede, lendo um livro, lembro de querer congelar aquela cena e guardar num potinho.

Aquele dia te contei tantos segredos guardados, nos emocionamos tanto, rimos tanto... e você falou que não dava pra ficar comigo por muito tempo, porque você não conseguia estudar, pois eu falava demais!!!! [risos]

Seu sorriso aberto falando “Graaaaaaa queridaaaaaaa”, está muito bem guardado no meu coração!

Mi, você acreditou em mim quando nem eu acreditava, você escreveu uma carta, intervindo por mim no colegiado quando passei no mestrado e não pude me matricular.

Me lembro da nossa conversa, dolorida e sincera naquela sala. Eu chorando muito e você também. Você disse que eu precisava me cuidar, me entender, e voltar. E que você estaria me esperando! E você fez isso minha flor!

Obrigada por me fazer voltar, por acreditar e por me ensinar a sonhar.

O que um professor pode fazer?

Oi Mimi, falar de você é fácil, porque você é poesia, é arte, é música, é educação.

Me recordo do dia da minha formatura da graduação, em 2009, onde você discursou tão lindamente e não nos desejou sucesso, nos desejou esperança. E quanta esperança você semeou nessa caminhada e eu sou uma dessas pequenas sementes.

Sou filha de pais com pouco estudo que andaram nesse país tentando uma vida melhor para seus filhos, assim como milhares de brasileiros e fui a primeira a chegar a faculdade e acreditava que esse seria o ápice. Mas aí te conheci, e você me mostrou que esse era apenas o começo que a vida acadêmica era gigante e incrível e eu me apaixonei, mas mais que isso, você me fez crescer me ensinou a SER humana, me mostrou a beleza das diferenças e as mazelas das minorias e dos esquecidos. Quantos PRÉ-conceitos foram resinificados em minha vida graças a você.

Com você aprendi que pesquisador pode e deve ser militante, participante e atuante.

Ah Mimi como era lindo te ouvir falar, florescia esperança no seu olhar, mesmo sabendo da dura luta do ambientalista/pesquisador.

Michelè você me mostrou que um professor talvez não mude o mundo, mas, pode mudar o mundo de alguém e você mudou o meu mundo, as minhas expectativas de vida, a minha forma de ensinar e, principalmente, a minha forma de ver, ser e estar no mundo.

Gratidão.

## MICHÈLE TOMOKO SATO

Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte<sup>1</sup>

<sup>1</sup>O grupo da Michèle!

O que dizer-escrever sobre Michèle Sato, em poucos parágrafos, que sejam expressivos e representativos da existência e da obra dessa mulher?

Uma profissional indescritível! Pós-doutora em Educação e na Arte de aliar Arte-Educação como ninguém jamais havia feito para denunciar e anunciar as mazelas e crimes na área ambiental! Uma pesquisadora na essência da palavra! Tudo foi motivo de estudo. Nada passava por uma leitura simples de mundo. Ao contrário, lia o mundo por diferentes vieses. Interpretava-o e o traduzia em múltiplas linguagens para todos que dela se aproximassem.

Não tinha tempo ruim para Michèle “arregaçar as mangas” e disseminar conhecimentos a quem quer que fosse e onde quer que estivesse. Falava aos pantaneiros-as, indígenas, negros-as, educadores-as, estudantes, migrantes, enfim... Humanos de todos os grupos e lugares, sempre com seu jeito humilde, inteligente, firme e decisivo de dizer verdades. Michèle surpreendia sempre! Foi brilhante!

Falava e atuava, com propriedade, sobre temas diversos, pois havia ciência em tudo que fazia. Aliás, Ciência-Amor-Esperança sustentavam sempre seus argumentos. Educadora encharcada nas obras de Paulo Freire, militava em favor da VIDA. Vida para o planeta inteiro e todos seus habitantes – criaturas de todas as espécies – em todos os lugares.

A água, a terra, o fogo e o ar impregnaram todos os momentos de sua vida, arte e militância. Pois é um espírito semeador que lançou sementes em diferentes direções, sempre preocupada em desfazer a invisibilidade e a vulnerabilidade dos seres esquecidos nesse mundo. Lutou por um planeta inteiro!

E mesmo no leito de um hospital de UTI, ao longo de 33 dias, foi guerreira, ensinando-nos a lutar. Como lutou!

Nunca será dito o bastante sobre essa mulher que foi ÁGUA, TERRA, FOGO e AR.

GRATIDÃO!

# Michèle Sato, Presente!

06 de junho 2023

16:00

Local: Saguão IL-UFMT

MÚSICAS

POESIAS

PLANTIO DE ÁRVORE

OFICINA BACHELARDIANA

OUTRAS HOMENAGENS



## Saudades, minha irmãzinha

Heitor Queiroz de Medeiros<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (PPGE/UCDB)

Quantas saudades minha irmãzinha. Essa é a única foto em que estamos só nos dois (pelo menos que eu me lembre). Foi o Philippe Layrargues que me enviou. A foto é dele.

É tão bom e tão triste ver você aqui sorrindo. Grato por sua amizade e por tudo que você me proporcionou .você estará em mim sempre. Todo meu amor, carinho, respeito e admiração por você minha irmãzinha. Você não foi embora, está encantada em algum lugar do cosmo nos olhando e nos cuidando.

Te amo Michele Sato.



Foto: Philippe Layrargues (2006)

## O Dia 16/05/2023

Inês Noronha<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professora Adjunta de Pós Graduação IEC (PUC Minas)

Em um dia como hoje, a gente sente de tudo: um aperto no peito, um nó na garganta, uma saudade sem fim. Uma vontade de estar perto, abraçar os demais companheiros, que assim como a gente, também sentem a partida terrena da nossa querida amiga Mimi. Michèlle Sato sempre foi e continuará sendo um referencial para todos os Educadores Ambientais brasileiros, pois os Grandes Mestres não morrem nunca, eles deixam sua semente, seu legado...

Retribuindo aquele “beijo nas montanhas”, Mimi, aqui de Minas Gerais, mando um “beijo nas nuvens” e um até breve.

## Michèle Sato, da inspiração ao amor.

Jakeline Modesta Fachin<sup>1</sup>, Lidiane Gil Becker<sup>1</sup>, Tatiani do Carmo Nardi<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Licenciada em Ciências Biológicas, Doutoranda pelo PPGE-IE Universidade Federal do Mato Grosso, integrante Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA). Cuiabá-MT.

<sup>2</sup>Graduada em Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso. Mestrado em Educação PPGE/UFMT. Pesquisadora do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA). Cuiabá-MT.

“Cada etapa de nossas vidas  
é um renascer para novas  
experimentações e sensações”.  
Michèle Sato, 2011.p.551.



Mimi infinitamente arte<sup>5</sup>.

Michèle Sato, ou Mimi como gostava de ser chamada era um espírito livre. Mimi foi filha, mãe, amiga, parceira e orientadora. Uma pessoa iluminada e inspiradora. Muitos adjetivos poderiam defini-la. Somos gratas, pois tivemos a honra de ter convivido e aprendido tanto contigo. Aprendemos com seus ensinamentos e “confetos” (conceitos com afeto), nos inspiramos com sua militância, sensibilidade artística e poética.

A pequena grande mulher, com uma força e sabedoria gigantesca, com uma capacidade de síntese e articulação impressionantes. Captava a essência do que era dito e do que estava implícito com uma verdadeira maestria. Reunia pessoas em torno de um objetivo numa articulação vertiginosa. Extraordinária sua agilidade em agrupar e distribuir tarefas. Michèle tinha sagacidade, era rápida, certa e de uma inteligência incomparável. Como versa Manoel de Barros, Michèle era uma fazedora de mundos, construía, inventava, reinventava e estudava sempre, lutando para a construção de um mundo melhor, inclusivo, mais justo e para todos/as/es. Nos ensinou a esperar diante do colapso e que o caos é uma etapa importante da vida, mas que é preciso resistir e lutar. Sua grandeza se eterniza em cada um de nós que, de alguma forma, fomos modificados por sua presença nesse universo!

<sup>5</sup> Ilustração digital de Lidiane Gil Becker. Michèle Sato fotografada por Regina Silva, no fundo a obra “O infinito reconhecimento” de Renè Magritte, com elementos da natureza e dos povos originários complementando a arte.

Ousada, falava por aqueles que a sociedade muitas vezes tentava silenciar. Um dia encantou-se, voou como os passarinhos. Vai Mimi voa, ganha os céus. Saibas que por aqui deixastes uma saudade danada. Tivemos foi sorte em te conhecer, fazer parte de sua vida terrena e agora você viverá em nós. Seu legado será espalhado pelos quatro cantos da Terra.

Gratidão e amor são sentimentos que pulsam em nosso ser!

Brilhe, brilhe sempre querida e amada Mimi!

## Michèle Sato, pedaço em mim!

Jessica Prudencio Trujillo Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática-PECIM/Unicamp. Professora de Ciências, educadora ambiental.

Conhecer Michèle em suas obras tão importantes no campo da educação ambiental não foi o bastante para mim. Assim que soube que a vida me levaria a morar em Cuiabá, fiz questão de entrar em contato com Michèle. A conheci pessoalmente, dia 21 de agosto de 2019. Nunca vou esquecer este dia, pois foi meu presente de aniversário, que sempre ficará marcado em mim. Ela, assim como as/os integrantes do GPEA, me recebeu muito bem.

Ao começar a participar do GPEA ela me fez um pedido inusitado, eu ser coorientada dela. Me senti extremamente feliz. O desenrolar com o programa de pós-graduação acabou por esta parceria não acontecer, mas, firmamos um acordo de realizarmos o meu pós-doc junto com ela. Infelizmente não deu tempo...

Neste meio tempo, descobri a gravidez, ela foi a primeira pessoa a saber depois de minha família. Me deu forças, me recebeu na sala de sua casa algumas vezes. Conversamos sobre as dores do mundo, dores que ela deixava claro que eram dela também.

Mulher forte, delicada em seus comentários completamente certos e desorientadores. Nos fazia refletir a cada frase. Que potência!

Michèle, você sempre fará parte da minha vida e da vida da Clarita, como dizia carinhosamente.

Gratidão por tudo e por tanto!

Michèle, presente!

*“Não podemos perder a esperança.  
Perder a esperança é perder a humanidade.”*  
Michèle Sato

## Para Michèle, com amor

João Batista Figueiredo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Prof Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC.

Corria o ano de 1999... na verdade, víamos o fim da de um século, de um milênio. Eu havia chegado fazia pouco tempo na cidade de São Carlos, em São Paulo. Chegava ali como migrante acadêmico temporário. Estava cursando meu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o curso melhor pontuado no Brasil naquela época. Nele, tínhamos a linha de Educação Ambiental. E eu, sob a orientação da professora Haydée Torres de Oliveira, tive o privilégio de conhecer nomes muito especiais desta área que me acolheu. Um exemplo, Marcos Sorrentino, Carlos Rodrigues Brandão, Marcos Reigota. E, quando fui cursar a disciplina de educação ambiental, ela foi ministrada pela professora Michèle Sato. Até ali, não a conhecia. E, foi uma grata surpresa e uma permanente alegria poder conviver com a Michèle e experimentar o seu modo de trabalho tão interessante.

Foi simpatia mútua, à primeira vista. Ela tomou conhecimento de que eu estava sob a coorientação do Marcos Reigota e que trabalhava fazendo relação entre educação ambiental, educação popular freireana e a teoria das representações sociais. Naquele contexto, ela se interessava bastante por estes tópicos. Até por conta de sua tese e de seus trabalhos relativamente recentes, envolvendo essa temática das representações.

Ela havia usado como referências em sua tese a autora Sauv e, que se tornou sua amiga; bem como trabalhou com Robbton e Hart. Em seus diálogos com Lucie Sauv e, e que fazia interlocu o que tratava dessa perspectiva da interpreta o da realidade através de suas representações e como isto impactava o pensar, sentir, o fazer educativo, ambientalmente percebido e representado. Mimi, informa que o como interpretar a realidade, impactava, em certa medida, a educa o ambiental, a educa o de cuidado com o ambiente.

Assim sendo, havia também uma afinidade acadêmica que se desdobrou, não apenas na amizade, na parceria, mas também em algumas atividades que desenvolvemos juntos. Ela era professora convidada curso de Especializa o em Educa o Ambiental e Recursos Hídricos, oferecido pela USP de São Carlos, e me convidou para ajudar, colaborar com o seu trabalho na disciplina educa o ambiental, daquele tempo, apresentando algumas reflexões sobre essa temática das representações sociais e da educa o popular.

A nossa maior afinidade, talvez se deva ao fato de que eu trabalhava com a referência de Paulo Freire. Este autor era alguém por quem Mich le tinha um profundo respeito e admira o, assim fomos mantendo as nossas parcerias por um tempo bastante profícuo em realiza es.

Era um momento, um instante, em que a educa o ambiental ganhava força e

fôlego. Naquele período, tive oportunidade de conviver com outros parceiros muito especiais na consolidação do GT de Educação Ambiental na ANPEd, na elaboração de propostas de revistas, no surgimento de novos livros em um campo, que até ali tinha menos de uma dezena de livros publicados no Brasil. Praticamente os poucos livros eram os produzidos pelo Genebaldo Freire Dias e Marcos Reigota, pelos trabalhos publicados nos eventos, fóruns e encontros nacionais em torno da educação ambiental. Dali para diante, vimos uma enormidade de publicações.

Quero destacar aqui, outras parcerias queridas que nos aproximavam ainda mais da Michele. Tais como, o Mauro Guimarães e o Philippe Layrargues, Isabel Carvalho, Martha Tristão, Luis Marcelo de Carvalho, e tant@s outr@s querid@ss parceir@s, que também compunham esse momento especial que a gente viveu.

Tivemos a oportunidade, nesse mesmo contexto, de conhecer o Antonio Fernando Guerra, o Luiz Afonso Vaz de Figueiredo, este que aqui está conosco, nesse projeto de partilha das experiências afetivas com a Michèle.

Eu quero compartilhar e testemunhar a satisfação que foi conviver com aquela extraordinária mulher, de uma força, de um entusiasmo e de uma Alegria enormes.

Tantas lições e exemplos trouxe para a gente, especialmente para mim. Michèle me ajudou a reconhecer a potência dos afetos e da amorosidade de que o Paulo Freire já nos testemunhava. E, Michèle presentificava em seu trabalho acadêmico. Ali eu pude constatar, efetivamente, o poder desse diálogo amoroso, no seu trabalho, nas disciplinas acadêmicas, na vida e nas relações que estabelecia.

Nesse contexto, só me resta prestar essa reverência e homenagem à minha querida Michèle Sato, amiga e parceira de tantos projetos e trabalhos. E, dizer o quanto ela é especial para o meu coração. Gratidão Michèle, sei que também tenho um lugarzinho aí no teu coração.

## Caminhos oníricos

João Carlos Gomes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Rondônia. Mestrado Acadêmico em Letras. Departamento de Letras-Libras Porto Velho/Rondônia.

Nas entranhas dos caminhos oníricos, onde sonhos e realidades se entrelaçam, emerge a etnografia surrealista de João Carlos Gomes, cujo nome foi moldado pela vida acadêmica com o pseudônimo de João Guató, e de Michele Sato, carinhosamente chamada de Mimi Sato. Nesta narrativa, compartilhamos a jornada que nos imergiu em um universo de sonhos e realidades entrelaçadas no âmbito acadêmico. Suas notáveis contribuições no campo da educação ambiental, a busca incessante pelo conhecimento e a ardente paixão pela transformação social marcaram profundamente os corações daqueles que tiveram o privilégio de cruzar nossos caminhos. Que suas histórias e conquistas ecoem no tempo, inspirando as gerações futuras e perpetuando um legado surrealista que desafia os limites da razão e abraça a magia dos sonhos.

Nos labirintos da mente, entrelaçando sonhos e realidade, João Carlos Gomes e Michele Sato trilharam os caminhos oníricos de uma etnografia surrealista. Suas trajetórias se entrelaçaram no cenário acadêmico, marcadas pela busca incessante do conhecimento e pelo encantamento das descobertas. Os anos se desenrolaram em um fluxo de desafios e conquistas. Acabei me tornando um colaborador constante nos projetos de Michele, dedicando-se à educação ambiental e à defesa das causas sociais, atuando como voz dos movimentos populares.

Durante nosso tempo juntos, aprendi muito sobre o espírito científico de Gaston Bachelard e a forma fenomenológica de pensar, inspirando-me nas expressões surrealistas de artistas como René Magritte e Joan Miró. Além disso, nossas aspirações como educadores ambientais e pesquisadores no âmbito acadêmico eram completamente embasadas na poética de Manoel de Barros, que nos ensina que "a importância de algo não se mede com fita métrica, balanças ou barômetros, mas sim pelo encantamento que tal coisa desperta em nós".

Nos últimos dias, eu vinha acompanhando Michele, que estava enfrentando graves problemas de saúde em uma UTI. No leito hospitalar ela enfrentou sua própria batalha, lutando contra problemas de saúde que a colocaram em uma UTI. Mesmo distante, senti na escuridão da noite e uma dor aguda em meu coração, como sinal de que Michele havia partido. E ao amanhecer, a confirmação chegou em uma mensagem trazida por um ente querido: a triste notícia de que Michele Sato havia falecido. Levantei-me e peguei o celular, onde encontrei uma mensagem enviada por um membro de minha família: "É com grande pesar que informo o falecimento da Profa. Michèle Sato. Michèle deixa para trás dois filhos e uma legião de amigos ao redor do mundo. Ela foi muito amada por todos. Descanse em paz...".

Fiquei em silêncio, em comunhão com ela em espírito, e cantei, sem lágrimas nos olhos, a música cantada por Dominginhos que dizia: "Quem me levará sou eu". Sentia em meu coração a presença dela, mesmo após sua partida. Apesar de

muitas vezes tê-la chamado carinhosamente de Mimi Sato, para mim ela sempre foi minha amada acadêmica, Michèle Sato, e eu, para ela, era João. Era assim que ela me tratava com carinho.

Seu legado abrangia não apenas suas contribuições acadêmicas, mas também sua paixão pela vida, seu amor pela família e sua influência inspiradora em inúmeros amigos ao redor do mundo. Ela descansou em paz, deixando um vazio que jamais poderá ser preenchido.

*No universo onírico da minha mente,  
Teço palavras em versos surrealistas,  
Michele Sato, musa inspiradora,  
Acadêmica amada, minha eterna artista.*

*Em meio às tramas da pesquisa e do saber,  
Despertaste em mim um encantamento,  
Com tua paixão pelo conhecimento,  
Michele, foste minha guia e meu alento.*

*Do rio Paraguai às sete lagoas,  
Exploramos os caminhos da Amazônia,  
Refletindo sobre os males ambientais,  
Em busca de soluções que inspirem a utopia.*

*Nas asas dos sonhos, voamos juntos,  
Descobrimos os segredos da fenomenologia,  
Edamaz nos uniu em rede, abraçando a educação,  
De mãos dadas, trilhamos a senda da ecologia.*

*Tu, Michele, mãe acadêmica,  
Ensinaste-me a arte de questionar,  
Com Bachelard e Magritte como guias,  
Nossos estudos ganharam um novo olhar.*

*Foste além das fronteiras cartesianas,  
Explorando o surrealismo de Miró,  
No devaneio dos versos de Boff e Barros,  
Nossa poesia ambiental ganhou eco.*

*Deixei-te, Michele, em busca de caminhos,  
Mas o vínculo que criamos é eterno,  
Em minhas memórias, tu vives e inspiras,  
Uma academia repleta de encanto e mistério.*

*Agora, vejo-te na bruma dos sonhos,  
Um espírito livre, um guia celeste,  
Michele Sato, tua voz ecoa no infinito,  
E em meu coração, tua presença se faz presente.*

*Nas teias do surrealismo e da amizade,  
Construímos um legado de amor e sabedoria,  
João Carlos Gomes e Michele Sato,  
Unidos para sempre na eternidade surreal da poesia.*

## E então dialogaremos Eu e Você, Michèle!

José Matarezi<sup>1</sup> - MataVerdeMata

<sup>1</sup>Laboratório de Educação Ambiental (LEA) – Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Membro de redes de educação ambiental (REA-PR, REBEA, RUPEA, e outras).

Precisamos de histórias que encantam o mundo, minhas amigas, meus amigos! Como precisamos contar e saber sobre os laços construídos com a Michèle Sato, nossa querida Mimi! Ao contarmos nossas histórias, em memória da Michèle, criamos novos laços com os fios soltos desta vida e além dela. Pois, a Michèle nos ensinou, pela sua luta e pelo seu exemplo de generosidade, amorosidade e inclusão; a construir laços de encantamento pela vida e pela diversidade. Laços fiados com, laços de confiança, de amizade, de parceria, de dignidade, de criatividade, de regeneração, de consideração, de acolhimento e solidariedade. Laços entre a Arte e a Ciência de pés descalços e muita imaginação. Laços com as poéticas, a música e o surrealismo que ela amava. Laços com a luta pelos Direitos Humanos e da Mãe Terra. Laços com os povos quilombolas e indígenas. Laços com a Educação Ambiental Revolucionária. Michèle, Presente! Presente! Presente!

É de amplo conhecimento o quanto Michèle gostava e se identificava com a Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino. As vezes era impossível distingui-las. Michèle e Mafalda eram uma só! Como licença poética me conforta imaginar que agora a Michèle foi fazer companhia para a Mafalda e o Quino e que, ao mesmo tempo, a Michèle está cada vez mais viva na Educação Ambiental brasileira pelos laços que sua obra produziu, pelos exemplos e ensinamentos que nos deixou e nos inspira.



Libre adaptação de MataVerdeMata a partir da charge de Nagú. Acessado em <https://febrapsi.org/storage/2021/10/200-300x300.jpg> para a nossa querida Michèle Sato!

Os laços de esperança se mantêm pelas histórias e estas precisam ser contadas! As memórias e lembranças, que surgem cheias de poéticas e fortes emoções dos momentos vividos com a Michèle, se misturam e confundem a cronologia dessa narrativa. Uma narrativa não linear, mas rizomática! Alguns fragmentos para a “Cartografia do Imaginário”, criada pela Michèle e presenteada ao campo da Educação Ambiental e além dele.

Era uma vez numa cidade chamada Erechim (RS), no ano de 2000, virada de milênio, início de um novo século, que tive o primeiro encontro presencial com a já famosa e querida Michèle Sato. Foi nesse lugar e nesse tempo que tive a rara condição de ser cuidador (acho que ela preferiria chamar essa função de “cuidamor”) da primeira caminhada da Michèle na *Trilha da Vida* instalada no *I Simpósio Gaúcho*

de *Educação Ambiental*. Muitos laços foram construídos e outros tantos foram fortalecidos nesse bom e feliz encontro propiciado pelo convite da Sônia Balvedi Zakrzewski. Foi nessa instalação da *Trilha da Vida* móvel que experimentamos pela primeira vez uma miniatura pensada e criada para potencializar a “Descoberta do Eu”: o “Espelho” enquanto meio heurístico e que se tornava a quinta marca identitária da *Trilha da Vida*. Portanto, um momento marcante para nosso trabalho e nossas pesquisas. Michèle teve o respeito de dedicar o tempo necessário para que ela pudesse vivenciar todo o processo sem correrias e atropelos. Nos surpreendeu sua atitude de atenção e entrega a proposta num evento em que ela era muito requisitada. Um exemplo vivo de ecologia da atenção e da presença. Michèle estava presente por inteiro, de corpo e alma nessa sua caminhada sensível na qual foi tecendo laços junto com o que tocava, ouvia, sentia. Mas ao terminar a caminhada, já não haviam mais pessoas que pudessem compor um grupo para a roda de diálogo que se seguia. Ao contextualizar a ela que o ideal seria um diálogo com mais pessoas que tivessem feito a caminhada, deixando ela escolher se queria encerrar sua vivência sem o diálogo, ela simplesmente disse: **Então dialogaremos apenas Eu e Você!**

E assim fizemos. Compartilhamos angústias, intuições, inspirações e desafios na proposição desses caminhos na Educação Ambiental e na vida. Foram muitas coisas lindas ditas pela palavra falada, mas também pelos silêncios, olhares, toques das mãos, abraços e lágrimas compartilhadas e que pertencem aquele momento. Mas um deles merece ser contado porque uma das memórias, ativadas pela vivência sensível, se refere a um laço dos mais sagrados – a Maternidade. Michèle contou que, durante sua caminhada, reviveu fatos importantes em sua vida, mas teve um momento especial em que chegou a ouvir o choro de seu filho ainda bebê, e isso a emocionou profundamente. Relatou que foi muito real o que ouviu e sentiu. Isso nos fez chorar juntos em silêncio por um bom tempo, apenas criando laços pelo olhar e carinho recíprocos. É justamente pelo Gui e Luigi, filhos da Michèle, que tomo a liberdade de contar essa história, na esperança de que eles possam saber desse lindo momento da Michèle enquanto Mãe.

Nesses tempos muitos encontros ocorreram associados a eventos de Educação Ambiental, pelos Fóruns Brasileiros e tantos outros. Em Ponta Grossa (PR) nos encontros preparatórios para o V Encontro Paranaense de Educação Ambiental (EPEA), em 2002. Por várias ocasiões, em Itajaí (SC) pode conhecer o Laboratório de Educação Ambiental. Até que mais recentemente, durante a pandemia, compartilhamos laços virtuais, em especial na realização da Oficina Vida Secreta dos Objetos que ela também adaptou lindamente e que foi realizada com o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GEPEA-PPE-UFMT).

Nosso mais recente, despretensioso e libertário trabalho de criação colaborativa foi a “**Pedagogia Coralínea**”! A roda de conversa **Mar e Amar na Pedagogia Coralínea** restabeleceu novos laços da Michèle com o Mar, área que ela teve um vínculo no início de sua formação como Bióloga. Sim ela transitou pela oceanografia biológica de maneira muito tênue, mas que ela nutria um carinho enorme. E no final do ano passado foi possível criar novos laços de encantamento com o Mar e os Corais. Unindo poesia de Cora Coralina com os Corais, Michèle nos presenteia com a proposta de uma Pedagogia própria com 13 princípios ou bem que poderíamos chamar de “laços”. Sim, é um ato político ter o Esperançar como 13º. Princípio!

Novos tempos de reconstrução se fazem presentes nessas dimensões simbólicas de transformação e de (re)existências. **Tempo de Esperançar: Saber equilibrar entre a tragédia e o sonho, sem abandonar a esperança!**



“O mundo ficou menor sem Você Michèle Sato!”



## Entrevista com Michèle Sato sobre o papel das mulheres na Ciência

Jussara Lopes de Miranda<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro- RJ, Brasil. Programa de Pós-graduação em Ensino de Química-Pequi. Laboratório de Catálise Química e Educação Ambiental-LACQUA- Instituto de Química-UFRJ

Em setembro de 2022, tive o prazer de entrevistar Michèle Sato sobre o papel das mulheres na Ciência. Compartilho aqui um trecho desta entrevista na qual a nossa querida educadora e referência em Educação Ambiental faz reflexões sobre a falta da visibilidade que as mulheres têm em nossa sociedade gerida ainda sob a égide do patriarcado. Michèle se identifica como fenomenóloga e assinala que esta falta de atenção e visibilidade às mulheres não se restringe ao Brasil, mas é um comportamento social global e ainda aponta que nas ciências consideradas como exatas, como a Química, na qual atuo, isto ainda é mais acentuado.

Concordo plenamente com esta reflexão quando analiso a minha trajetória como docente e pesquisadora, mais especificamente na minha atuação como coordenadora na formação de recursos humanos na área de petróleo, gás e biocombustíveis, historicamente gerenciada pela maioria de homens. Abracei um desafio maior ao levar a bandeira da importância ambiental na formação dos futuros profissionais deste setor.

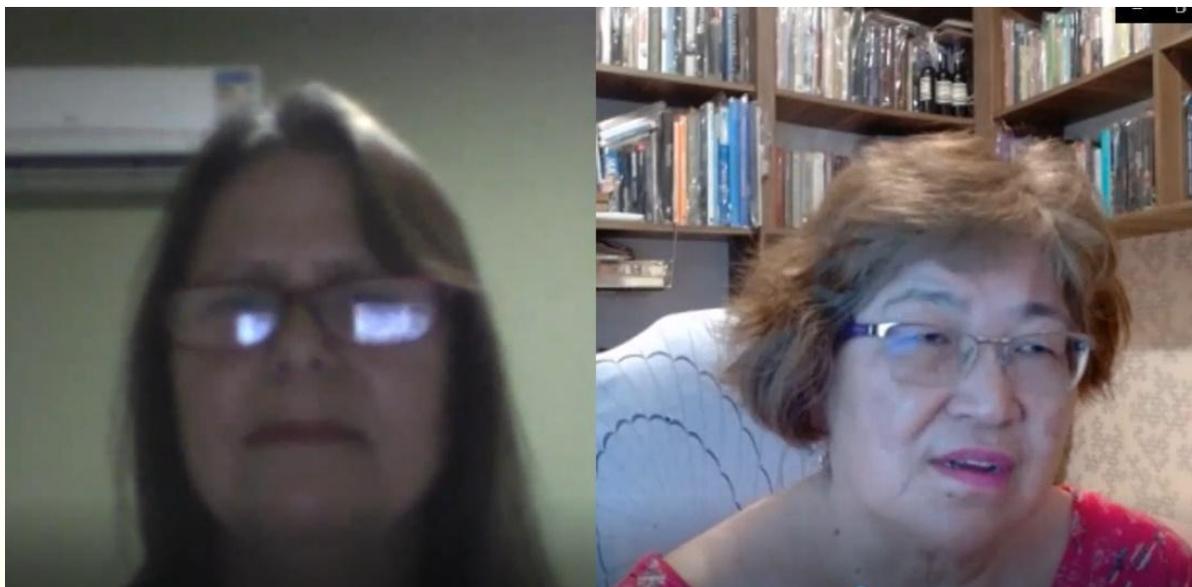


Foto da entrevista com Michèle Sato realizada em setembro de 2022

Fonte: autoria própria.

**Jussara L Miranda:** Então, Michèle, eu gostaria de primeiro saber o que você acha da atuação do espaço feminino nas ciências no Brasil atualmente.

**Michele Sato:** *Eu acho que nós mulheres trabalhamos muito e fazemos muita coisa, temos muitas atividades, mas eu acho que nós estamos invisibilizadas ainda, né? Os nossos espaços ainda são pequenos, a atenção que nos dão é menor. Ocupamos cargos de mais baixo escalão e enfrentamos um período político que não se despede da sequência de completa a misoginia.*

*Então, o papel da mulher, não só da cientista mulher, mas da mulher propriamente dita, acabou sendo bastante prejudicado nesse processo político, né? Não que a gente seja refém da política. Ciência não pode ser refém, mas a pandemia mostrou claramente que estamos mal, com um mau gerenciamento político, o que acabou atrasando as vacinas, acabou causando mortes indesejadas em excesso.*

*Então, se estamos no patamar ideal? Não, não estamos. Embora tenhamos feito bastante esforços e trabalhado bastante. Mas essa visibilidade merecida do papel da mulher na ciência ainda não existe. Eu acho que não é só no Brasil, eu acho que também na Europa eu estudei lá no Canadá também.*

*Essa visibilidade é muito baixa, né? Você que é química, por exemplo, o meu ex-marido era da química, não tinha nenhuma professora pesquisadora na época, eram todos homens. No meu campo que era de filosofia, tinha um pouco mais de mulheres, mas nem tantas assim. Então, não é uma questão de primeiro mundo, ou terceiro mundo, ou segundo mundo, ou N mundo. Mas eu acho que esse patriarcado é ruim generalizar, né? A ciência colonizadora generalizou e eu, enquanto fenomenóloga atenta, tento particularizar. Mas, de uma forma geral, ainda estamos muito aquém do desejado.*

## Afetividade e maestria na Educação Ambiental: uma representação viva de Michèle Sato

Leidy Gabriela Ariza Ariza<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Profesora del Departamento de Ciencias Naturales y Educación Ambiental, Universidad de Córdoba (Montería – Colombia).

Falar de Michèle Sato é lembrar afetividade, processo de aprendizagem e ensino, ela orienta a olhar a minha vida de outra forma, mediante seus palavras e comentários, e sempre pendente de as novidades e dificuldades do retorno a meu país, foram a força para amar e continuar na lutar por a educação ambiental.

Ressalto em suas palavras o que é educação ambiental:

*“é a diversidade de olhares” “é respeitar a diversidade, eu não tenho nenhuma pretensão de querer separar de minha fala uma verdade” “ela exige um diálogo entre o sujeito também fora da academia também fora da escola inclusive gente que não sabe ler nem escrever” “é sensibilidade” “acho que a educação ambiental propunha um diálogo né ela na medida que ela ensina, ela também aprende”*



Fecho com as palavras dela que desafia o prólogo que ela escreve no livro de minha tese doutoral... *“A Terra está em crise civilizatória, com adolescente matando pessoas, com adultos molestando crianças, com homens matando mulheres, com a humanidade eliminando a natureza. Violações de direitos humanos e da natureza se espriam pelo planeta, destruindo o que existe de mais valioso ao futuro da humanidade: o cuidado com o outro e o cuidado com a Terra!”*

**Sempre viva em nossos caminhos...Obrigada professora Michele Sato pela amizade, sabedoria, afeto e guia!**

## Michèle Sato: ¡Siempre viva para la educación ambiental

Lucie Sauvé<sup>1</sup>, Elsy Yaneth Castillo-Ordóñez<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professeure émérite, Centre de Recherche en Éducation et Formation Relatives à L'Environnement et à L'Écocitoyenneté, Institut des Sciences de L'Environnement, Université du Québec à Montréal (UQAM). (Québec, Canada). Coordinadora del Proyecto EDAMAZ.

<sup>2</sup> Profesora titular del Programa de Maestría en Educación y Gestión Ambiental, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá D.C. (Colombia). Proyecto EDAMAZ.



Michèle Sato, 1997. Archivo fotográfico EDAMAZ

Saudades, querida Michèle!

Tu maravillosa energía, tu creatividad, tu sensibilidad artística, tu reflexividad crítica, tu autenticidad, tu inquebrantable compromiso, tu irresistible sentido del humor, tu cálida amistad... han alimentado estos maravillosos años de colaboración que hemos tenido el privilegio de compartir contigo. Tu recuerdo nos acompaña por siempre.

Nos conocimos con Michèle como coordinadoras en nuestros países del Proyecto Educación Ambiental en Amazonía-EDAMAZ en 1996, caminamos y trajinamos nuestros territorios junto a colegas de Brasil, Bolivia, Colombia y Canadá hasta el 2002 de manera permanente. Cada encuentro era un crisol de reflexiones, debates, intercambios (académicos y de aristas<sup>6</sup> de nuestras vidas privadas), proyecciones y aprendizajes multiculturales, que permitieron crear nuestro “francoportuñol” como estrategia de comunicación para recrear con el juego de palabras nuestra esencia: pensamientos, sentimientos, saberes y picardías codificadas, para forjar un vínculo que ha resistido los embates del espacio y del tiempo. Y tú querida amiga y colega Michèle siempre estuviste dinamizando y alimentando ese hilo que permitió tejer nuestra amistad, nuestra “parcería”.

<sup>6</sup> Arista hace alusión a un borde, a una parte de nuestras complejas vidas...y eso hacíamos con Michele. Trabajábamos arduamente, pero también reíamos, departíamos y como latinoamericanos(as) también rumbeábamos.

Contigo aprendimos a valorar mucho más la importancia de la comunicación para generar las sinergias requeridas no solo entre las amigas, sino también, entre los educadores ambientales. Y vaya si lograste “enredarnos” en torno a los temas que nos apasionan: en defensa de la vida, del ambiente, de la justicia, la equidad, la diferencia de género, el arte, la poesía, la filosofía, el amor y la política, entre otros. Tendiste puentes y redes de EA en Brasil, Latinoamérica, Iberoamérica, países lusófonos, y de otras geografías planetarias.

Desde la estética teatral entonces, *La Siempreviva*<sup>7</sup> alude a la generación de espacios de encuentro, de debate, de reflexión y análisis sobre temas entorno a la defensa de los Derechos Humanos, a la búsqueda de la verdad y a la desaparición forzada. Pensamos por eso que Michèle nos inspira mantener su presencia y su memoria ¡Siempreviva!

Amiga Michèle: Nos harás muchísima falta en este plano, pero estarás ¡Siempreviva para la educación ambiental!

Amiga Michèle: Sentiremos muito a tua falta neste plano, mas você estará sempreviva pela educação ambiental!

---

<sup>7</sup> Contextualizando sobre la palabra "siempreviva", en Colombia: es el título de una obra de teatro escrita por Miguel Torres y estrenada en 1994, sobre el holocausto del palacio de justicia ocurrido el 6 de noviembre de 1985. Evento histórico en el cual la guerrilla del M-19 se tomó el Palacio de Justicia en Bogotá y el desenlace estuvo marcado por el ingreso de tanquetas del ejército, la quema física del Palacio, el asesinato de magistrados, guerrilleros y civiles. Algunos de los pocos sobrevivientes fueron desaparecidos y se sigue buscando la verdad.

Consultar: <https://www.comisiondelaverdad.co/caso-palacio-de-justicia> y <https://coleccionesdigitales.biblored.gov.co/items/show/62>

## Sintonias em Mí maior e outras surracionalidades

Luiz Afonso V. Figueiredo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor pesquisador aposentado da área de Educação, Ciências Ambientais e Ecoturismo pelo Centro Universitário Fundação Santo André (Santo André-SP). Docente convidado do Curso de Especialização em Patrimônio Espeleológico (UPF/FCCM). Membro atuante de diversas redes e entidades socioambientais (REBEA, REPEA, RUPEA, REASA, GESMAR, SBE, SBecotur).

Dia após dia, caminhando a passos largos, e a gente imerso e perdido no excesso de debates ou em devaneios no WhatsApp, ou em outras tantas redes sociais. Tentativas de interconexões, permanências nas distâncias. Porém, uma notícia nos desperta para a vida real, surreal: nossa querida amiga, Mimi Sato, havia partido para outros planos astrais. Voltou para a Mãe Terra, Pachamama, virou pó da eternidade, pó-ética<sup>8</sup>, como ela mesmo dizia. Ela se considerava “sonhadora, educadora ambiental, arteira, artista” em um dos seus tantos artigos científicos, mas sempre fora da caixa cerrada da academia. Agora ela transmutou em estrela, e mesmo que inicialmente a sua ausência aconteça de forma dolorida, certamente ela iluminará nossos caminhos, será nossa guia, nosso estímulo para prosseguir adiante.

E seguimos a vida, mesmo naquele instante drástico, em estado de torpor, cambaleando entre as pedras do caminho, com um sentimento de vazio, de amargor. Todavia, suas falas ressurgiam nítidas, até parece que ela continuava nos desafiando. Assim, aos poucos, o entorpecimento vai sendo substituído pela paixão de ver a imagem do seu sorriso lindo, o brilho hermoso daquela encantadora e cordial japinha, coração maravilhoso, aura colorida, hiperativa, altruísta. Personalidade rara, alegre e cativante. Também tipo mãe, protetora, cuidadora, exigente.

Ah! Nossa afetuosa amiga, quase-irmã, mais-que-autora, precursora de novas temáticas, nossa provedora de surracionalidades bachelardianas partiu para inéditas jornadas cósmicas. Nossa graciosa e instigante companheira, que se considerava “apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental”, era a mesma que trazia, e continuará trazendo a força da discussão poética, tal como na produção criativa de René Magritte e muitos outros e outras, compondo diálogos entre educação, ambiente, sociedade, arte, e inúmeros outros assuntos.

A gente se conhece da época da Rio-92, da criação da Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA)... Uai sô, que nada! Como um lampejo, aparece nítido o dia em que a gente se conheceu. Foi no final dos anos 1980, quando surgiu a EALATINA, um dos primeiros espaços on-line de discussão da Educação Ambiental, um grupo de e-mails. No geral era um espaço pioneiro e importante de difusão e reflexão. Mas, às vezes exagerava nas discussões, fruto da ausência dos olhos nos olhos.

Foi quando a gente, meio que fastidiados com tanto debate, muitas vezes

---

<sup>8</sup> SATO, Michèle. Surrealismo na pó-ética ambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, Cuiabá, n. 4, p.227-236, 2009.

secundários, quase desperdício de tempo, resolvemos conversar em privado, chorar as pitangas daquele falatório, muitas vezes insano. A gente se identificou na hora, papo aberto, camaradagem imediata, fluidez pessoal. Somos acadêmicos e educadores por opção, viemos das ciências naturais mas nos ancoramos nas humanidades, gostamos de filosofia e poesia, apreciamos a transgressão do instituído. Eu ainda não tinha me achegado ao Bachelard, mas sem dúvida essa foi outra forte sintonia. E a gente se divertiu conversando sobre tanta coisa legal, questionando aqueles devaneios inúteis, pois não eram aqueles devaneios que nos motivavam, os da fenomenologia da imaginação poética.

Depois disso, seguimos sempre em alta conexão, em momentos fortuitos: congressos, grupos de discussão e de pesquisa, redes de educação ambiental, viagens de férias passando por suas paragens, também nos Fóruns de Educação Ambiental e outros eventos. Além disso, ela sempre estava em minhas leituras e reflexões. Encontrar pessoalmente com ela, era uma enorme alegria e emoção.

Na segunda metade de março de 2023, eu estava fuçando textos no site *Academia.Edu*, quando vi informações de um artigo da Mimi, sobre fotopoéticas. Eu mandei uma mensagem para ela, dizendo: **“AF: sempre inspirando gerações, fortalecendo nossos caminhos”**. Poucos dias depois ela respondeu, sempre carinhosa: **“Mi: Oi Afonso queridão! saudades de ti! como vai nosso México? e a esposa, e vc, tudo certinho? beijo de afeto”**. Eu continuei a conversa, a contar coisas, como se estivéssemos em um espaço mais pessoal. E disse que estava com saudades dela, o que eu andava fazendo aqui em Yucatán. Claro que falei de cavernas e espeleologia, e que mesmo aposentado eu estava bastante ocupado, com cursos, conferências, publicações, etc, e que estava tudo muito bem com minha esposa, que também é professora e espeleóloga. Contudo, desabafava com ela sobre a situação dos aposentados, que ainda não se encontrava bem.

Ela me respondeu, sempre em tom poético/provocativo: **“Mi: que bom que se envolve em mil coisas, não dá tempo pra pensar que estamos envelhecendo! [...] boas brisas nestas lindas travessias”**. Isso afagou minha alma e alegrou o meu dia. Falamos de um amigo em comum no México, também da educação ambiental, Miguel Arias, ao qual ela mandou um beijo. Em 03 de abril eu enviei uma mensagem, devolvendo as energias para ela: **“AF: Tuas energias são sempre bem-vindas. Sem dúvida é isso mesmo, nossa caminhada e buscas não permite a gente ficar se quejumbando, como se diz aqui. São boas e estimulantes travessias nessa jornada. Desejo que esses bons ventos alcancem essas terras mato-grossenses. Bjjn”**.

No dia 10 de abril continuamos o papo no Zap, estava estranho conversar no site acadêmico [risos], trocamos ideias sobre a resposta do Miguel Arias, e ela se despediu com lindas fotos de flores de ipê-amarelo, árvore que ela dizia que era sua preferida. Infelizmente as fotos não abriram para mim, não tínhamos ideia do motivo. Aí ela continuou falando de quando conheceu as terras mexicanas. Ela viu árvores de cactos, e como ela gostava dos autores surrealistas, falou de pintura, de Octávio Paz e como ela adorava o México, dizendo que eu era um afortunado. Para fechar a conversa ela mandou a sua personagem preferida, a Mafalda do cartunista Quino.

Quando soube da internação dela, imediatamente enviei mensagem por dois caminhos distintos, dizendo que todos estávamos em oração e enviando boas vibrações para ela, que tudo ia dar certo...

Agora revejo aquelas mensagens, observo as expressivas pinturas no lugar da foto pessoal... Sobrevém aquela sensação, de que a qualquer momento ela vai responder...

Ela estava serena nessas nossas conversas, amistosa como sempre, talvez um tanto pensativa. Mesmo sem a gente se ver fisicamente por muitos anos, ela me tratava como amigo chegado, ou mesmo como um irmão. Era uma pessoa de alma elevada, sempre disponível para apoiar, estimular, propor, colocar a mão na massa, muito criativa. Era uma pessoa que só de se ver, mesmo que a distância, a gente já entrava em sincronia, e abria um tremendo sorriso, emanava alegria, era a menina do dedo verde.

Ela agora voa longe, como se fosse um amável: até qualquer dia. Transforma-se nesta ocasião na marca indelével de nossos destinos.

Voe livre, minha querida, você estará sempre em nossos corações...

Continuaremos assim, nas incríveis surrationalidades, as **sintonias em Mí maior**.

## Na partilha de utopias e esperanças

Marcos Sorrentino<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor aposentado Sênior OCA-ESALQ/USP. Diretor do Departamento de Educação Ambiental e Cidadania do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA). Ambientalista, membro fundador de redes de educação ambiental (REBEA, REPEA, RUPEA, entre outras)

Michèle Sato, acento no *è* invertido, com rigor e amor chamava a nossa atenção para a diferença de fuso horário entre Brasília e Cuiabá - nenhum tipo de massificação, naturalização, acriticidade e opressão passava despercebida ou a silenciava.

Sempre atenta e atenciosa a tudo e com todas as pessoas manifestava a sua leitura de mundo por textos e pela arte, como poucas do campo educador ambientalista.

Transitou entre mundos diversos, sempre acolhendo e agregando, mesmo quando combatia com determinação em defesa dos oprimidos, humanos e não humanos.

Sinto não ter conseguido estar mais perto fisicamente, mas mesmo à distância estávamos juntos. Cada convite para participar de bancas de seus orientados foi uma alegria pelos aprendizados compartilhados. Sentiremos saudades e agora apenas nos sonhos nos encontraremos. Nos sonhos, diurnos e noturnos, já nos encontrávamos, na partilha de utopias e esperanças. Continuaremos assim. Nos veremos, hoje amanhã e sempre.

Michèle Sato, presente, presente, presente!

Recebi dia destes uma foto que expressa a alegria de nossos encontros.



## Michèle Sato: uma referência

Maria Cristina Vieira (Tita)<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Educadora ambiental e gestora da APA Santo Antonio-Santa Cruz Cabralia – BA. Coordenação de Gestão de Unidades de Conservação-Diretoria de Sustentabilidade e Conservação(INEMA-BA).

Michèle, uma referência de educadora, professora, com uma generosidade ímpar. Quando assumi a Diretoria de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente da Bahia em 2007, recebi um telefonema dela oferecendo uma formação em Educação Ambiental para a equipe de técnicos e da CIEA-BA.

Foram momentos de muita reflexão, planejamento e potência de ação. Foi uma grande contribuição para a implementação da política pública de EA no estado.

Partilhamos também das Quintas Ambientais, organizadas pelo INEMA convivemos no encontro da Rede de Educação Ambiental do Mato Grosso.

Um dos últimos contatos que tive com ela foi por um telefonema em que me convidou para participar do Observare, grupo de WhatsApp para discussão e articulação da EA e, por fim, uma conversa sobre o desmonte da Educação Ambiental no Brasil.

Profunda Gratidão a nossa querida “Apaixonadamente Pesquisadora em Educação Ambiental”.

## Mimi vive! Está aqui em mim, em nós

Maria Henriqueta Andrade Raymundo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>ANPPEA (Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental). Participante de redes de educação ambiental (REBEA, REPEA, RUPEA, e outras).

Sinto a sua intensidade intelectual, amorosa e solidária fervilhando em meus pensamentos e ações.

Viajo no tempo e encontro lá em 2002 a pesquisadora, educadora e militante ambiental – Michèle Sato - que se descortinava ao Brasil com sua essência revolucionária, apaixonante e apaixonada pela educação ambiental. Jamais esquecerei a primeira vez que a ouvi e o tanto que me encantou.

Jamais esquecerei o quanto me motivou a acreditar na minha potencialidade e buscar a realização dos meus sonhos acadêmicos. As nossas conversas sobre os desafios nos cuidados com os nossos filhos, sobre as dores e delícias de ser mães. Sobre o quanto a nossa sociedade precisa avançar para a inclusão, para o acolhimento dos diferentes.

Mimi amada, que as lágrimas nos deixem mais fortes para seguirmos firmes na transformação necessária para um mundo melhor, que a dor que sentimos com sua partida nos motive a continuar no caminho das utopias e resistirmos sempre diante das injustiças socioambientais.



Foto1- Anônima .

Foto 2- Fotomontagem de Michèle Sato

## Michèle: por entre conhecimentos e afetos...

Marilena Loureiro da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável no Trópico Úmido PPGDSTU. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/NAEA-UFPA.

De como construir a vida como um encontro de amorosidade, de trocas permanentes, de diálogos profundos? De como traduzir em práticas amorosas todos os escritos e tecituras entre conhecimentos e afetos? Meu encontro com Michèle tem essa inspiração...em meio as lembranças, a recuperação de como ela foi intensa em todas as suas buscas, de como ela inspirou a tantas pessoas na construção de suas próprias trajetórias.

Conheci a Mimi em 1993, (e lá se vão 30 anos), no primeiro seminário de seleção e formação dos professores que iriam compor o quadro docente da Escola Bosque, era dezembro de 1993, e desde aí a Mimi esteve presente na minha vida na educação ambiental e em vários desafios, na banca examinadora do mestrado, nos eventos de comemoração dos 10 anos da Escola Bosque...em tantos encontros de trabalho e afeto, no meio da pandemia na supervisão do pós-doutorado...

Meu grupo de pesquisa aqui na UFPA comemora este ano 25 anos de criação, e já tínhamos combinado que ela viria para o evento e faria a fala de abertura...e ela já tinha combinado também o almoço na casa da mamãe, de quem ela se tornou amiga a distância...parei tudo, não liberei a programação, mas aprendi com ela. mesma que a vida precisa ser leve, leve, esperançosa, e que precisamos ter coragem, e assim vamos seguir, aprofundando nossas trocas de saberes e afetos. Celebrar Michèle Sato e sua presença amorosa vai sempre nos impor coragem! Vamos lá então! Seguir nos encorajando com sua lembrança e presença amorosa.



Foto: Passeio agradável em Cuiabá (MT). Marilena Loureiro, Irineu Tamaio e Mimi Sato (2020)

## Encanto e reflexão

Markus S. Wolfjdünkell Büdzyнкz<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Rede Rampa de Acesso Livre; REAMPS-Rede de Educadores Ambientais da Região do Médio Paraíba do Sul; REAECOSOL Rede de Agroecologia, Educação Ambiental e Economia Solidária. ACAMPAR-RJ ORGÂNICOS e APEDEMA-RJ-Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente do Estado do RJ.

Na Vida, não é só com a vitória que a gente ganha. Ganhamos até com a simples participação se soubermos aproveitar o aprendizado durante a nossa caminhada. A vida é uma luta constante, e cada dia é uma batalha, seja no nosso interior, na sociedade ou, de forma especial, na própria família.

Quando temos um ideal, ganhar e perder faz parte do jogo, pois, o que vale é a preparação, o treinamento e a experiência que adquirimos, e é o que nos fortalece no dia a dia, trazendo o alcance da meta pra mais perto de nós.

Mas, para o alcance definitivo da meta e da vitória, existem valores que são invisíveis aos olhos, mas sensíveis e indispensáveis para o Coração, pois, são estes valores que trarão consigo a nobreza, a dignidade e o verdadeiro prazer pela conquista.

E na nossa caminhada, a qualidade da vitória só será alcançada se nela estiverem embutidos os valores da honestidade, do respeito, da amizade, da parceria, e do Amor. E estes valores a gente não compra, a gente tem que conquistar ao longo da nossa jornada pela Vida.

Não nos enganemos! As vitórias conseguidas à custa da mentira, da trapaça e da enganação, não têm qualquer valor, e se diluirá com o tempo e com o calor da verdade, no que comumente se habituou definir como uma “vitória de Pirro”!

A partir desta terça-feira, sedimentemos cada vez mais nossas vitórias diárias nas estruturas inabaláveis da verdade, da honestidade e do amor fraternal. De que adianta uma “vitória”, se sobre ela não pudermos repousar em Paz?

Ecoabraços, caríssima amiga Michèle Sato, Shalom e Que D'us Nos Proteja Sempre!

## Numa mesa de bar: eternidades

Mauro Guimarães<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS).

Décadas de amizade se iniciaram por correspondências antes das redes sociais, não lembro se somente por correio, mas acho que também por emails, até nos encontrarmos pessoalmente numa mesa de bar no primeiro EPEA em Rio Claro. Esse encontro marca nossa trajetória por tanto de alegria, afetividade, bom papismo que sempre marcaram nossos encontros em diante. Certamente não dá para não surgir tão boa amizade. E assim ela fez com tantos que a amam e que ela ainda nos colocava em bons encontros entre todos a sua volta. Era uma grande semeadora de ternas amizades.

Foi uma grande aglutinadora e intelectual orgânica na consolidação do campo da Educação Ambiental. Estivemos juntos, motivados por sua liderança, em tantas lutas nos EPEAs, na construção do GT de EA da Anped, no movimento crítico a imposição da década da Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável da UNESCO, na Rede Lusófona e tantas mais.

Se tudo isso já não fosse suficiente, era uma grande arteira, ativista, educadora e pesquisadora. Creio que seja a pesquisadora que tenha mais feito supervisão de pós doc no campo da Educação Ambiental brasileira. Eu fiz a minha em 2015 com ela, buscando os seus confetos (conceitos+afetos) que tão bem sabia distribuir e trocar. Como não ser tocado por um ser desses? É na imaterialidade de sentimentos tão fortes que soube tão bem construir, que nosso amor por ela se eterniza. Gratidão por sua bela existência, Mimi pra sempre presente!!!

## Mimi na representação de um Baobá: unindo culturas e mundos

Maylta Brandão dos Anjos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Departamento de Ciências Ambientais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Michèle Sato, a Mimi, teve na vida o que podemos representar no símbolo da fertilidade ambiental - o baobá. Na dura realidade vivida pela luta a favor da justiça, da humanidade e da ética ambiental, tanto fez pela educação, pela natureza e pela conscientização de nossa ação sustentável e participativa no mundo. Foi artesã da fala, com raça de quem muda destinos.

Ela, assim como baobás, como as árvores mais antigas da Terra, nos estimulou à realização de legados que atravessam séculos. E sua passagem aqui deixará a *mukua*<sup>9</sup> de sua amada ideia e garra a fertilizar e inspirar nossas ações!

Que suas mãos que foram baobás atravessem o tempo e registrem as histórias das vidas dos povos oprimidos para que não mais dores e opressão sofram. E que possamos, com o seu legado, ser transformados e enriquecidos em nossa identidade cultural, étnica, social e ambiental. Rogo que as raízes do baobá que nasceram nela, na representação de suas ancestralidades, nos caibam todos, ativem as nossas memórias favorecendo na construção e diálogo o saber da natureza em si!

Que as flores dessas árvores que se dão em Mimi, nos façam crescer em saber ancestral que ela distribuiu em escritos, palestras, desenhos, falas e exemplos ao mundo. Que germine cada vez mais o que desejou e o que registrou em ideias e palavras. Com sua partida, a lembrança que nos deixou dá coragem para, em sua memória, mais semeemos a esperança, fé e possibilidades.

Você, Mimi, nos ensinou com seu saber genuíno que as raízes do baobá têm múltiplos significados. Sua presença aqui nos mostrou o sentido particular de um reviver em espíritos que resistem pela natureza e a favor da sociedade. Obrigada por ter planteado tanto aqui.

---

<sup>9</sup> Fruto do baobá.

## Arte Educação Ambiental e Michèle Sato

Paulo Diaz Rocha<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Comissão de Cultura e Extensão Universitária, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo

Já conhecia as ideias de Mimi antes de 2004, embora pouco a tenha lido naquela época. Mas tive a oportunidade de assisti-la no Fórum Mundial de Educação, nesse ano, quando recém havia entrado na USP e pude parabenizá-la por sua brilhante apresentação! De lá pra cá foi uma grande referência neste campo que abracei com força em minha atuação profissional e afetiva - como artista e passatempo.

Passando a ter contato mais íntimo com ela via grupo de mensagens instantâneas, chamada de **Arte Educação Ambiental (AEA)** - apesar de sua preferência em inserir hífen entre as duas primeiras palavras, a convidei para uma palestra em 2022 no Ciclo 60+<sup>10</sup> que ofereço no Instituto de Biociências (IBUSP), onde hoje atuo. Fã de *René Magritte*, na ocasião ela esteve conosco de modo virtual palestrando sobre *A poética de Bachelard e seus elementos*, dividindo a parte prática e criativa com a colega Cristiane Soares da UFMT. Foi um encontro incrível, expandindo a mente das participantes com as formulações revolucionárias do filósofo (1884-1962), com a cara dela, que:

- Desafiou a estrutura clássica de Descartes, Kant e Comte por meio de uma epistemologia descontínua (fluxos).
- Ousou um conhecimento plural, turbulento, sem temer os conflitos (caos).
- Usou a fenomenologia como estudo de todas as essências: arte, educação, ambiente, entre outros.

E ainda desfilou todas as linhas filosóficas deste grande pensador, seguida por ela: *filosofia do entre, do detalhe, do diferente, do contra, do não e da abertura*. Para ela, seguindo a linha deste mestre, *"a arte é um convite à profundidade, à penetração, à modelagem, à ação transformadora para além da aparência captada pela visão, onde a mão operante torna-se instrumento da vontade de poder e da vontade de criar"*. Em seguida apresentou seu maravilhoso projeto *Os muros e as essências fotopoéticas dos 4 elementos*, terminando com: "Ao propor uma experiência poética bachelardiana, pretendemos nos desvencilhar do utilitarismo e da perfeição estética da arte, evidenciando mais os devaneios poéticos, do que produções artísticas".

Embora tenhamos alguma divergência quanto ao foco de uma da AEA ser um movimento *ativista* que eu procuro sempre alçar, Michele procurava manter, mesmo que também defenda este bom combate político por meio da união entre o ético e o estético, mais o componente poético e de encantamento do que o pragmático e militante, conforme a frase acima.

De qualquer modo, Mimi continuará influenciando e formando, ontem, hoje e sempre, artistas, educadoras/es, ambientalistas etc, de modo contemplativo, este mundo incrível das *Artes* e da *Natureza*.

---

<sup>10</sup> Escrevi com meu colega um artigo a respeito deste Ciclo (DIAZ-ROCHA; NIHEI, 2021). Acessível [aqui](#).

## Memórias em conexão

Pavel Dodonov<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia

Ciência, Arte, Educação, Educação Ambiental, Arte, Música, Gaia, Arte, Educação, Ciência, Cidadania, Política...

Breves palavras em um breve retrato do que Michèle Sato foi na minha vida.

A conheci pouco – uma disciplina no PPGERN-UFSCar, e alguns outros breves contatos;

Eu, na época cursando mestrado, guiando visitas e ouvindo heavy metal russo – do qual Michèle também gostou, ao ouvi-lo durante a disciplina;

Na disciplina, pensamos em como seria a construção de uma ponte onde antes não havia, com tudo que isso implica ecologicamente e socialmente;

Na vida, pontes entre pessoas e pontes entre conhecimentos e saberes; entre Educação e Arte – pois a Arte e a Educação se combinam lindamente, e Michèle explorava lindamente esta conexão.

## Mensagem

Penny Kopernick<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Poeta. Vila Velha-ES

A última palavra não foi dita.  
Tão veloz a vida!  
Diria das sementes germinadas nos corações que cativou.  
E de como sua existência me transformou.  
Fala e ação encantados de puro amor.  
Conciliando luta e liderança, indignação e temperança por onde passou,  
semeou um caminho de esperança.  
E viva a arte, que tanto amava, surreal sua passagem...  
Da militância aguerrida à doçura sem medida, mulher, mãe amiga  
Mimi querida segue na paz do Criador.  
  
Gratidão pelo legado incrível de amor e conhecimento  
que sempre será para nós inspiração!

## Mimi passou a Terra para nós

Rachel Trajber<sup>1</sup>

<sup>1</sup>CEMADEN (São José dos Campos-SP)

Uma amiga generosa e agregadora: a forma da Michèle ser e estar no mundo. Nos acolhemos em nossas casas e famílias; partilhamos ideias que viraram textos e ações, sempre com a beleza da Mimi na mistura de arte, educação, ciência e política.

Durante o desgoverno, em tempos de pandemia e emergência climática, fizemos uma campanha de prevenção de desastres e, no final, realizamos uma live com pessoas convidadas a formar um mosaico de saberes. Uma chamava a outra passando a voz junto com um globo terrestre.

Minha homenagem é trazer aqui partes da fala da Mimi naquele dia e, quem sabe, as boas lembranças ajudem a aplacar a dor da perda da amiga querida e admirada.

*“Quando a gente recebe um sistema chamado Planeta de um amigo tão querido [o Marcos Sorrentino], não dá para começar a falar sem trazer Manoel de Barros: ‘nas brisas, as borboletas pousam sem magoar suas próprias asas’. E a gente estudou que o vento é o ar em movimento, mas - sabe o que aconteceu? - o movimento foi muito forte, o ar deixou de ser brisa e passou a ser ventania; agora há uma sombra de dor no voo das borboletas.*

*Meu avô acha que o mundo está muito cansado e que muitas coisas ruins vão acontecer na Terra. Muitos de vocês falaram em um colapso generalizado e que trará bastante sofrimento na Terra. Acho que vai haver mais morte pelo clima do que na pandemia, com certeza. [...] Jovens como Greta Thunberg são extremamente importantes, elas são corajosas, mas eu pessoalmente gostei mais do menino Francisco, da Colômbia, porque além da coragem, ele fala do futuro dos jovens, dos bichos, das borboletas, da água que cai, da terra preciosa. Então, a guinada do antropocentrismo para o biocentrismo, me parece ser um bom caminho para a gente fazer esse enfrentamento.*

*[...] Bem, isso é um desafio que a gente vai ter no futuro. Antes de passar minha Terra adiante, eu queria terminar com Paulo Freire: ‘a gente tem que lutar para tornar possível, um possível que ainda não é possível’. Isso faz parte da conversa histórica de redesenhar e reconstruir o mundo. O mundo vai ser destruído e cabe a nós, educadores, tentar reconstruí-lo, talvez com menos antropocentrismo, menos ganância, menos desenvolvimento, com simplicidade, uma vida mais simples, menos capitalista, menos mercadológica. Então, é nesse meu intuito de refazer o mundo para que a gente não sucumba, que eu passo a minha Terra para você.”*

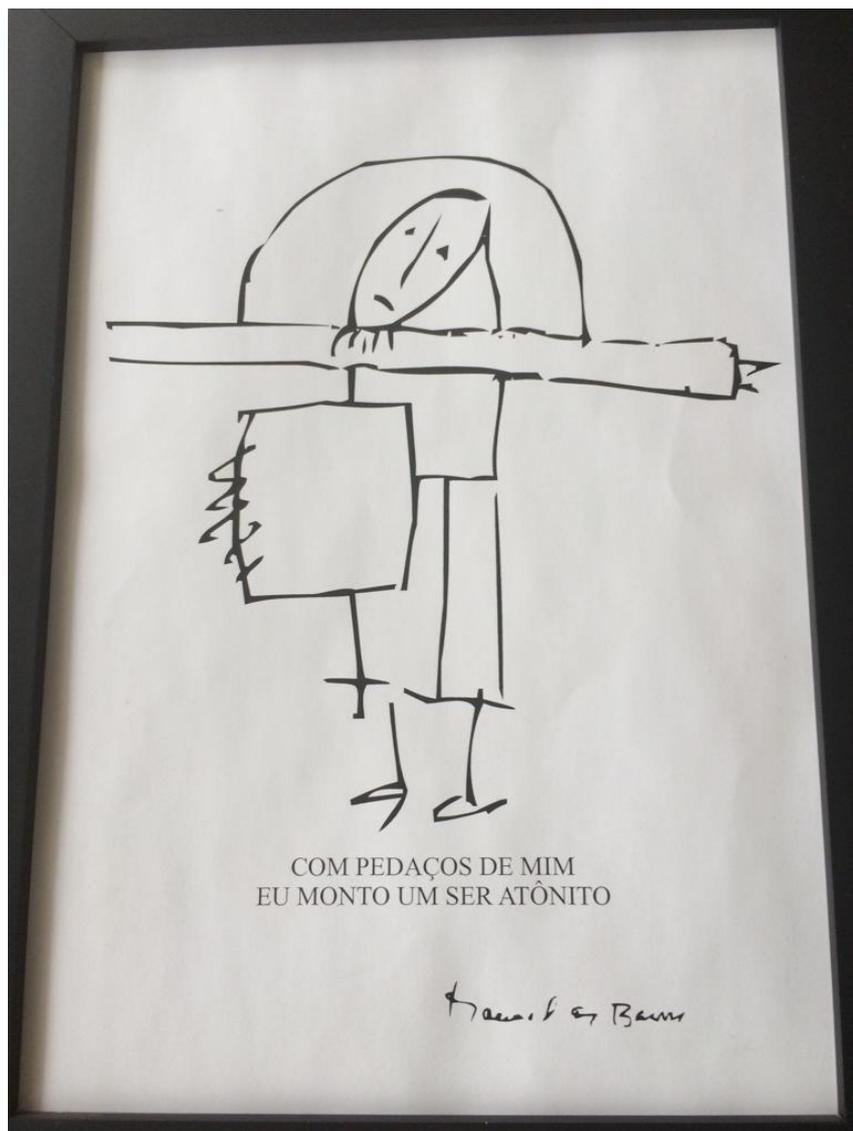


Foto 1- Esta imagem fotografei na casa da Mimi há anos atrás. Me sinto assim.  
(Fonte: Rachel Trajber).

## A estrela, a árvore e o facão

Rafael Nogueira Costa<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Imagina Lab: Laboratório de Pesquisa em Educação, Imagem e Natureza. Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, Universidade Federal do Rio de Janeiro



Autoria: Ana Carolina Gomes dos Santos (29 maio 2023)

Uma **estrela** riscou o céu e foi vista do sul ao norte. Seu brilho deixou um rastro de luz, seguido de um forte barulho. Muitas pessoas, ao mesmo tempo, presenciaram o clarão e ouviram o zumbido. Ao longo de décadas, essa narrativa foi contada oralmente e transformou-se em uma lenda.

No Polo Sul, um ciclone gira com vigor e fecha a janela do céu. Um pedaço se desprende do movimento rotatório. A massa polar desloca-se no horizonte. Desgarrada de sua origem, segue em direção ao norte. Enquanto isso, na Mata Atlântica, na transição entre a floresta e o oceano, o calor é intenso e a seca desidrata a vegetação e os animais por meses. Como um raio, a massa polar modifica completamente a paisagem na mata.

A força do vento levanta a poeira e as folhas que repousavam na serrapilheira. Todas as árvores balançam e tentam desesperadamente se segurar umas nas outras, formando uma corrente de proteção, como se estivessem todas conectadas por uma trama de raízes. Uma das árvores maiores não resistiu.

Segurou com toda a força, protegendo as menores e aquelas ainda em crescimento. Entretanto, sua rigidez não foi suficiente. Rompeu ao meio, ecoando um barulho ensurdecedor. Ao cair, todos na mata ficaram assustados, observaram em silêncio e oração o seu sono. Após a queda, a perplexidade. Não havia outra alternativa. A claridade na mata quebrou a dormência das sementes, e os mais jovens seguiram a força da vida. Agora, todas elas já sabem onde se inspirar, na imponente **Árvore-Sato**.

Depois de abrir as trilhas da mata, deitou-se ao lado do rio de águas claras, nos cílios da floresta. De um lado, uma mochila com caneta, caderno, livro e água. De outro, um **facão** que ela usava com astúcia de uma samurai, abrindo caminhos no canavial e na mata fechada. Depois de passar a noite admirando as estrelas, se levantou. Levou o corpo, deixou a mochila e o facão. Professores e professoras do Brasil, juntos, recolheram com cuidado o livro, o caderno e a caneta. Despejaram as águas no chão da mata, aos pés de um pau-brasil. Seguraram firme o facão e seguiram, abrindo caminhos para que outras pessoas pudessem chegar aos seus destinos.

A estrela simboliza a sua trajetória no Brasil, na Europa e toda sua circularidade por várias universidades, congressos e fóruns de discussão. A árvore simboliza suas orientações, conexões e a rede de proteção, que ela criou com muito zelo. Nesta passagem, destacam-se os fenômenos climáticos globais, suas investidas intelectuais mais recentes. O facão simboliza a luta, cravada na frase que ela usava na assinatura do e-mail: "Eu sei de que lado estou. E você? De que lado está?"

Escritora, considera uma das principais vozes da Educação Ambiental no país, os seus textos serão lidos e debatidos, como sementes aladas.

Carinhosa, para ela os conceitos devem estar conectados aos afetos, por isso, *confetos* (sua criação).

No meio do caos, uma cartografia do imaginário. Diante da catástrofe e das grandes crises da sociedade, uma cartografia dos fenômenos.

No início deste ano, começamos um projeto de organização de um livro com Michèle Sato. Nossa singela homenagem é dar continuidade ao projeto original. A proposta será conduzida em colaboração com a Professora Elni Elisa Willms e o Professor Rogério de Almeida.

Obrigado, Mimi!

## Michèle Sato, vive em mim!

Regina Aparecida da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte. Universidade Federal de Mato Grosso. Michèle me dizia que eu era uma filha que ela não teve.

Eu era apenas uma jovem de 24 anos, recém graduada, em busca do sonho de fazer mestrado, recebi uma sugestão do Prof. Máximo para procurar uma professora chamada Michèle Sato na UFMT em Cuiabá, consegui seu telefone e liguei, combinei um encontro para uma conversa inicial. Michèle me recebeu na sala de sua casa, me fez tantos questionamentos importantes sobre as minhas escolhas, para saber se eu estava certa do caminho a seguir.

Nesse mesmo ano, eu passei a frequentar o seu grupo de pesquisa, o GPEA. Organizamos naquele ano, 2003, um encontro da Rede Mato-grossense de Educação Ambiental (REMTEA) e, passei no seletivo para o mestrado em Educação no PPGE UFMT. Realizava um sonho ser orientanda da Mi Sato. Era o começo de uma trajetória que marcaria profundamente a minha vida. Alguns anos depois seríamos colegas, docentes da UFMT, compartilhando a docência, os projetos, os orientandos, a militância, as viagens, as aulas de campo, e tantas outras vivências. Conhecemos juntas Cabo Verde, África do Sul, e tantos lugares bacanas.

Mi Sato foi minha orientadora de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Mas, muito além disso, foi minha orientadora da vida, uma amiga, uma parceira de sonhos, que com maestria marcou sem igual quem eu sou e como eu me posiciono no mundo. Como sou grata pelos anos que compartilhei de sua companhia, foram 20 anos de muita cumplicidade.

Mi, sinta hoje meu amor e gratidão pelas aprendizagens, por me guiar tantas vezes, pelo colo, pelo afeto, pela partilha, por me ensinar a sonhar e a estar ao lado de quem mais precisa de nós. Mi sempre foi uma sonhadora, uma lutadora, uma realizadora! Eu sentirei profundamente sua falta, aqui ficará um pouco cinza sem suas artes, um pouco sem graça sem suas poesias, eu vou continuar lutando pelos ideais que você sempre lutou, saiba que as sementes que você plantou e já deram tantos frutos, continuarão a realizar os sonhos que você sempre sonhou, sempre "por amor às causas perdidas! Por amor às causas perdidas"! Você vive em mim! Siga com a sua luz única!

## Gratidão! Gratidão! Gratidão!

***Sua Ré***



**... sementes ...***Guilherme. Luigi. (Filhos)*

Sônia Z. Rodolfo. Heitor. João Carlos. Ronaldo. Darci. Débora. Patrícia. Regina. Samuel. Michelle. Imara. Maria Liete. Takeshi. Lúcia. Ivan. Herman. Rosana. Giseli. Déborah. Cristiane. Thiago. Giselly. Júlio. Cássia. Carlos. Denize. Roberta. Glauce. Archimedes. Carla. Elizabeth. Alexandre Anjos. Nelson. Luiza. Luiz. Iara. Alexandre. Cédina. Ady. Dolores. Fernanda. Jônia. Artema. Rejane. Aluízio. Thays (*in memorian*). Fernandinha. Sonia P. Herman. Elizete. Adriana. Rita. Priscilla. Tatiani. Jakeline. Victor Hugo. Lidiane. Izabele. Philippe. Irineu. Irene. Marilena. Celso. Ramiro. Marcos. Mauro. Lindalva. Fátima. Francisco. Flávia. Edilaine. Madalena. Maria Eliete. Lina. Juliéte. Norma. Bianca. Doriane. Jucinete. Mayara. Sônia Gonçalves. Luã. Lucimara. André Luiz. Amanda. Evandrus. Jorge. Julia. Franciele. Laura. Sandro. Alessandro. Emanuele. Camile. Juliano. Laura. Maria de Fátima. Simone. Alessandra. Francisca. Luciana. Aluisio. Ana Célia. Adriana B. Régis. Pericles. Evelyn. Raianne. Paulo.

*Filhos e Filhos(as) Acadêmicos(as)*

## Uma dose de calma

Rita Silvana Santana dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Profa. da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Coordenadora Geral de Educação Ambiental para a Diversidade e para a Sustentabilidade do Ministério da Educação (MEC).

*“Muitas flores,  
Meditação,  
Respiração,  
Vai precisar de uma dose  
de calma na nova  
aventura,  
E conte comigo sempre”*<sup>11</sup>

Flores, meditação e respirações para aceitar um novo modo de existência de Mimi.

Uma ancestral, que nos provoca a sentir seu legado com beleza, estética e sabedoria.

As artes, os textos, as imagens, as memórias, os diálogos, as metáforas, os sorrisos... vamos precisar dessa dose de calma para nos aventurar nas caminhadas da EA sentindo a Mimi dizendo:

*“E conte comigo sempre”*



<sup>11</sup> Michele Sato 13/03/2023 quando informei que iria assumir a Coordenação de Educação Ambiental do MEC, por indicação dos coletivos de EA

## Sentipenso Mariposa

Rosana Gonçalves da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Arte Educadora Ambiental. Pós-doutoranda do PPGACV UFG (Brasília-DF)

Hoje, voltei para casa tarde e fui recebida por esse ser vivo.

Sentipenso que é uma mariposa, vou pesquisar.

O alumbramento de ser recebida por tanta beleza me conectou com Michèle!!

Eu vi esperança se derramando no verde da parede

e das belas asas pousadas, descansando!

A vida é esse pulsar com os outros... uma essência aprendida com Mimi.



Foto: Rosana Gonçalves da Silva (2023).

## Que estranha falta!

Sandro Tonso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professor da Faculdade de Tecnologia e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PECIM) da UNICAMP. Membro de redes de educação ambiental (REPEA, RUPEA).

Nunca tive um contato frequente e cotidiano com a Michèle! Estou, portanto, tentando identificar e nomear esta falta do que, eu pensava que, não tinha! É um vazio estranho, sem nome, sem identificação clara, mas com uma profunda e sensível marca do que não mais nos acontecerá.

É quase ter saudades do que ainda estava por vir!

Em todos estes anos, foram poucas as vezes em que estivemos presencialmente juntos em eventos, em macarronadas, em bancas...

No entanto, todas as vezes em que precisamos um do outro – nas mais diferentes dimensões de nossas vidas – lá estávamos conectados como se não houvesse tempo ou distância suficiente para nos estranharmos!

A afetividade que a Michele oferecia era a conexão que tempo e espaço tentavam, em vão, desfazer! A cada encontro, presencial ou virtual, voltávamos ao momento anterior como se tivesse sido ontem mesmo. Michele produzia uma continuidade por outras dimensões que a Física não dava conta de nos explicar.

Acho que este é o maior legado que eu aprendi com ela: para além de tudo o que é possível, ela nos fazia chegar no impossível, no inimaginável, o inalcançável. E tudo isso a partir de uma postura indissociável entre ética, estética e política.

Agradeço a ela esta oportunidade de ir além de mim!

## Todos os girassóis para Mimi!!

Solange Kimie Ikeda Castrillon<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso. Faculdade de Ciências Agrárias e Biológicas. Campus de Cáceres-MT. Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e PROFÁGUA. Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte.

Mimi me presenteou nas redes sociais um lindo girassol e escreveu assim: ***Um aniversário amarelo alegria, todinho sol, todinho felicidades, todinho vocezinha, tudo de gostoso pra você, querida amiga.*** Iluminou meu dia. Ela não esquecia ninguém, amava as pessoas e se dedicava a manter quem cativou. Sentia-se responsável.

Na década de 1990 no começo da minha carreira de professora em Cáceres, recebemos Michèle Sato em nossa Universidade. Ahh! Foi uma comoção! Só a conhecíamos pelo que escrevia, dizendo que para fazer Educação Ambiental ouvíssemos e seguíssemos Paulo Freire e nunca deixássemos de esperar. Me cativou, ficou eternamente responsável e sabia demonstrar ternura como ninguém. Muitas vezes eu dizia que não estava à altura de um grupo da Educação, porque me sentia uma Ecóloga somente, não havia estudado Sociologia, Filosofia...Ela me dizia: Sol você vivencia o que falamos, está no movimento socioambientalista, você é importante aqui.

Militamos juntas em movimentos e na academia em Mato Grosso (CIEA no começo na casa dela, bancas, resistências no processo do ZSEE, manifestos em defesa dos povos e comunidades, da Amazônia, Pantanal e Cerrado). Foi amada demais por quem estava em sua volta e perseguida por quem contrariava. Nunca abaixou a cabeça. Mimi empoderava quem cativou. Perguntou para cada um seu apelido e se gostava dele. Depois nunca mais o esquecia, como se dissesse que temos um lugar no mundo para sentir acolhidos. Atuava em teia, porque assim como ela, todos da teia não se esquecem, se reconhecem em apelidos carinhosos.

Mimi, todos os girassóis para você, que seja para sempre iluminada. Nunca será esquecida, todos os movimentos te saúdam!!

**Mimi Sato: presente, presente, presente!!**

## O nome: brincando com as palavras (para Michèle Sato)

Sonia Palma<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Educadora Ambiental e pesquisadora do GPEA-UFMT(MT)

Etimologia é uma grande paixão de estudos para mim. Estou sempre buscando alguma história ou significado nas palavras. Michèle também sempre gostou muito e, vez ou outra, compartilhava comigo essa aventura. Manoel de Barros, nosso poeta preferido, era um estudioso da origem das palavras, brincava com elas. *“No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo.”*, disse o poeta.

Aqui, em homenagem à nossa Mimi, como era mais conhecida, escrevo esse pequeno texto, a partir de uma rápida pesquisa na internet, apenas brincando e pensando carinhosamente sobre o significado de seu nome : **Michèle Tomoko Sato**

No idioma japonês a grafia de uma palavra é representada por ideogramas, ou Kanji. No Kanji, cada caractere de uma palavra tem seu próprio significado, representando uma ideia ou objeto.

*MICHÈLE* sempre me disse que seu primeiro nome foi escolhido por seu pai, do idioma francês, por isso do acento em crase.

*TOMOKO* (智子) é um nome japonês predominantemente feminino. O primeiro kanji, Tomo (智) "**sabedoria, intelecto**", combinado com o segundo kanji, ko (子) "**criança**", significa "**Filha da sabedoria ou do conhecimento**".

*SATO* (佐渡), seu sobrenome, é considerado muito comum no Japão, mas historicamente vem de um clã influente. O primeiro kanji, Sa (佐), significa **ajudar**. O segundo kanji, tō (藤), significa **Glicínia**. É possível, então, que o sobrenome “Sato” tenha **origem em uma família generosa que vivia perto de glicínias**. A flor da Glicínia é simbólica no Japão. Tem o **brilho e transitoriedade da existência** como símbolo de constante mudança. Seus tons violetas nos remete à **espiritualidade**, e suas flores carregam o significado de **devoção que transcende a morte**.

O que mais gosto no brincar com a história das palavras, é o atemporal, libertá-las da obrigação do tempo. Estão ali, desde sua origem, com sua história e significado. Nesse sentido, há uma mágica que aqui, nesse pequeno texto, posso fazer da nossa Mimi um ser atemporal, alguém que já existia muito antes de nascer. E, se algo é atemporal, posso também eternizá-la, em seu nome.

Mircea Eliade escreve que “Uma coisa tem uma origem porque foi criada, isto é, porque um poder se manifestou claramente no Mundo, porque um acontecimento se verificou. Em suma, a origem de uma coisa corresponde à criação dessa coisa.”

Daí então que, de acordo com seu nome, Michèle Tomoko Sato é "**filha da sabedoria, do conhecimento**", cuja origem histórica vem de uma **família**

**generosa**, que provavelmente vivia próximo aos jardins japoneses de Glicínia, flor que significa **brilho e transitoriedade da existência**.

Esse breve texto, que penso ser como uma brincadeira poética sobre seu nome, me faz refletir sobre as repetições do mundo, da natureza, a constante mudança no movimento cíclico da vida e, por isso vejo, em todas as Tomokos e Satos que já existiram e continuam existir, uma eterna Michèle. Firmo ainda mais esse pensamento na Glicínia, flor que existe em seu nome, de tons violáceos, curiosamente e coincidentemente(?) sua cor preferida e, cujo significado nos remete à **espiritualidade** e cujas flores carregam o significado de **devoção que transcende a morte**.

Pronto! Michèle transcende a morte, continua presente e será eterna!

Nuneaton (Inglaterra), 25 de maio de 2023



túnel de glicínias no Japão Fonte: Instagram | puraten10

Figura 1- Uma imagem dos Jardins das Glicínias Kawachi Fuji, no Japão, com um poema escrito por mim, enquanto nossa Mimi estava hospitalizada.

## Terceira nota nos ecos das criaturas: poéticas iluminadas de Michele Sato

Suely Cristina L. Siqueira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Poetisa. Mestre em Educação, Cultura e Sociedade (UFMT). Docente Aposentada de EDF da UNEMAT.(Chapada dos Guimarães-MT)

Mimi...

Mi...Mi ... Terceira nota nos ecos das criaturas, presentes em partituras. Aos sons das sensações na corrida de registrar vivências de convivências com Michele Sato. Pessoa que ecoa, beleza cintilante, a cada instante, dissemina o legado brilhante em vibrações musicas da natureza: sem surpresa a vida é presa.

Em ambientes de presa ou predador, a defesa dos ataques sobrevive no Amor. Michele, partidas em sintonia com despedida em Seu Ser eternas presenças revividas. Na corrida para passar o bastão, acesas em emoções, a próxima mão na pista da saudade é entregue para Michele em orações coordenadas sem adversativas para diversidade na luta pela igualdade. Personificar poesias que tem como protagonista Michele Sato com Sua bagagem e coragem vai além de mensagens em suas passagens. O Mato sempre substantivo. Mato nunca verbo destrutivo. Michele Sato paradoxo da Inexistência. Para cada um de Nós Michele Sato vigora agora como essência de Sua existência, como fontes de água pura transparente nascentes de Michele presente em Seus remanescentes.

O companheiro de Michele falou na despedida de Michele no Velório: Ele dizia que o legado especial que a Michele deixou foi seus Filhos e lançou olhar de carinho para os Filhos. Depois olhou para demais presentes e lançou a frase: O legado que Ela deixou para cada um de Vocês é a razão de viver. Finalizou a fala olhando para Michele: Me perdoe se Eu não tenha conseguido te Amar o máximo que Você merecia.

Registrar poemas com Michele em eterna vida plena. Vou repassar um poema que incorporei em um colóquio que Ela estava acompanhada de Carlos Rodrigues Brandão na UFMT, quando passei no corredor da sala entrei em ato de solidariedade orgânica com a beleza das abordagem em defesa da natureza, declamei:

*TERRA!!!  
Há terra?  
Até onde? Até onde dá.  
Aqui, ALI, AÍ.*

*É uma questão de lugar  
e não de alugar ou sugar.  
Talvez de Suar, nos espaços  
com pá no chão e Paz no coração.  
Epa! Pás no chão e Paz no coração?  
Estou ouvindo sons de foices e facões  
clamando por direito a grãos.*

*Há terra!  
Com aterros.  
Desterro. Para enterro.  
Não para todo mundo.  
Para os julgados como imundos  
no mundo humano, desumano, inumano.*

*Sem-terra com terra.  
Derrubam as toras das cercas erguidas  
e fazem das secas águas renascidas.  
E seguem por aí.  
Sem eira nem beira.  
Com bandeiras.  
Na contramão da história.  
Hora é tempo. Ora é reza.  
Implora por Auroras.  
Onde: O vermelho não seja de um corpo ferido.  
O preto não seja de um corpo em luto.  
Com ajuda do roxos do corpo raivoso.  
Vamos amarelar o branco de corpo ausente.  
Formando um cenário de gente que sente cada ente PRESENTE.*

E continuo daqui, lembrança viva de Michèle Santo. Michele era tão suave. A gente passava perto da sala dela. Ela acenava com a mão, com carinho, para a gente entrar na sala, independente de quem era. O coração dela acolhia todos.

*Michele Sato:  
Luta pela reforma coronária  
no latifúndio do sentimento humano.  
Corroborando com Michele Sato:  
Vamos fazer justiça ao nosso minifúndio  
que ao invés de latir Pulsa de Modo Profundo.*

**SE NÃO PULSAR NINGUÉM VAI PLANTAR.  
SE NÃO PLANTAR, OS RIOS SEM AR VÃO SECAR.  
OS RIOS ESTÃO SECANDO...**

*Você não está sacando.  
Os grandes ensacolando...  
Os pequenos se engaiolando.  
Com tantos comandos só saqueando.*

*Saquear para comer é diferente  
de sacanear para viver.  
Sacanear para viver é o mesmo  
que escanear o canto interno dos Olhos  
para lágrimas não escorrer.  
Se esse cantinho interno dos olhos humanos secar.  
Diga Adeus a sensibilidade.  
De humanos expertos  
passaremos a ser Ex....Pertos.  
ou seja: Cegos para tudo.  
Menos para os desertos. Certo????*

*Responda com plantas dos pés  
nas plantas do chão.  
Mudas não podem ser emudecidas.  
Seres sem raízes não são felizes.  
Formaremos exército de corações: Cores e ações  
somente as pessoas  
com arco-íris nos olhos sobreviverão.*

*Cabe a mim e a cada um de vocês  
a única função de fazermos  
olhos humanos brilharem.  
Olhos d'água sem mata ciliar  
a seca enaltece.  
Olhos humanos sem auxílio dos cílios  
seca sem lacrimejar.  
Perde auxílio de proteção.  
Cataratas no olhos.  
Rios sem catarata.*

*MICHELE Sato em suas linhas trilhada  
pelas linhas traçadas  
deixa o legado para seguirmos nas entrelinhas:  
Células ativas de nossas retinas  
não podem cair no campo minado das Cédulas destrutivas.  
Cifrões nas retinas decifradas como queimadas.*

*Não tenha dó do dólar.  
O dólar não é do lar, nem do ar nem do mar.  
Dólar pertence ao armamento nuclear.  
Elementar, meus caros Amigos da Floresta,  
Cerrado, pantanal e os companheiros  
de nossas espécies animal vital.  
Vida salutar sistema aeróbico  
ampliando oxigenação de nossa caixa torácica  
qualificando vidas de todas as Raças.  
Basta de muitos pastos e poucos rastros.  
Água cintilante sem extração de diamantes  
Sigamos adiante em defesa da vida a todo instante.*

E por aqui chego no final, se eu inventar de reorganizar o poema fico parecendo sirema [seriema] correndo, saio em disparada sem ponto fixo, fico só nas reticências...



**Foto 1- Da esquerda para direita: Vital Siqueira (comadre Capitu), apresentador de humor na tv, Michele Sato, Ivam Belem: escritor e diretor de teatro (orientado por Michele Sato) e Suely Siqueira: poetisa e escritora.**

## MERAKIS<sup>12</sup>

Vanessa Balochini<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Fundadora do Ateliê do Conhecimento, integrante do GEIA/UERJ e METALAB/USP.

Não tem como falar de sonhos sem lembrar de Michele Sato. Como fundadora do Ateliê do Conhecimento, ela me inspirou muito a assumir o meu papel como mulher, a ser quem sou, independentemente da minha idade, e a acreditar no potencial de todos. Os múltiplos atravessamentos de violências não devem silenciar nossos sonhos, e a vida se torna urgente, sempre. Ao escrever a carta em protesto ao descaso pela vida, coletivamente, Michele também me empoderou a ser uma cidadã ativa, capaz não apenas de observar, mas também de transformar.

Mas a potência é plural. O mundo não é transformado apenas por uma pessoa, mas por pessoas com *merakis* semelhantes, que não desistem de lutar até o fim. O jogo só acaba quando termina, e mesmo assim pode ter reviravoltas inesperadas.

A vida de Michele Sato foi uma grande reviravolta em todas as adversidades, em todas as circunstâncias em que uma mulher era reconhecida, ou não, como potência. Ela certamente floresceu e continuará florescendo na literatura, nos corações, nas memórias e nos textos, pois foi uma pessoa cheia de vida. Michele Sato, presente. Obrigada, Michele. Meu sonho é que as pessoas sempre sejam gratas antes, durante e após a sua passagem. Essa é a minha homenagem a você em memória.

Brasil de Fato | Brasília (DF) | 09 de Março de 2022 às 08:41

## Mais de 60 entidades assinam manifesto contra nova diretora de educação ambiental de Bolsonaro

APÓS REPORTAGEM DO BRASIL DE FATO, ORGANIZAÇÕES PUBLICAM TEXTO CONTESTANDO ESCOLHA DE PROFISSIONAL SEM EXPERIÊNCIA

Paulo Motoryn

---

<sup>12</sup> *Meraki* é uma palavra de origem grega, derivada do turco, que significa você deixa um pedaço de si mesmo, uma parte da sua alma, do seus sentimentos, em tudo o que você faz. A ideia é colocar um pouco de amor em cada detalhe. É a razão existencial de cada fôlego. Fazer algo por prazer e com curiosidade. (adaptado pela autora).

## Leia o nome das entidades e organizações signatárias:

ARAUCÁRIAS - Rede de EA a partir dos Campos de Cima da Serra e Hortênsias - UERGS/RS;

Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental, ANPPEA;

Associação Alternativa Terrazul;

Associação Brasileira de Agroecologia, ABA-agroecologia;

Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências ABRAPEC;

Associação Defensores da Terra - RJ;

Associação dos Docentes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ADUNIRIO;

Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso - ADUFMAT - S.Sind.;

Ateliê do Conhecimento;

Eis a nossa memória coletiva em negrito minha contribuição de escrita da carta:

08 de março de 2022

### **“MOÇÃO DE INDIGNAÇÃO**

**No dia 8 de março de 2022, Dia Internacional da Mulher, nós, educadoras e educadores do Brasil, fomos surpreendidos pela indicação da nova diretora de Educação e Cidadania Ambiental no Ministério do Meio Ambiente.**

*Comprendemos a nomeação como um escárnio, como um desrespeito aos profissionais do campo ambiental comprometidos com a educação ambiental. **Esta nomeação é um ato de violência simbólica**, operando como uma manifestação de cruzada cultural antiecológica. **O resultado é a perplexidade dos coletivos educadores do país, já que é um cargo de suma importância à gestão da educação ambiental brasileira.** Após o impacto do relatório climático, com o criminoso exemplo de Petrópolis, na região Serrana do Rio de Janeiro, entre outros, o mínimo que necessitamos é uma personalidade com experiência nos processos pedagógicos, que oriente a sociedade sobre o valor da vida e não de uma atiradora esportiva, com armas que eliminam vidas, ao invés de protegê-las.*

*Somente um governo ecocida e negacionista acata e nomeia uma pessoa sem nenhuma trajetória, sem nenhum conhecimento das redes, dos grupos, dos observatórios e dos coletivos da educação ambiental, brasileira e latino-americana. **É de ficar abismado com a escolha política em um cargo tão nobre.***

*Ser praticante de tiro em nada qualifica a pessoa para atuar em educação ambiental. **Ademais, entendemos como profundo desrespeito às mulheres e de intenso escárnio expor esta mulher a esta situação vexatória, que também é vítima da necropolítica nefasta do governo atual, que ataca sistematicamente todas as formas de vida. O governo bolsonarista também utiliza as mulheres e suas representações de luta pela justiça histórica, e arduamente construídas, como mais uma forma de apropriação. De maneira a esvaziar suas contribuições para atender fins políticos que são humilhantes à vida e sua diversidade.***

*É preciso parar o bolsonaro! Ele é um enorme risco à integridade da Terra - é uma ameaça à Amazônia e de tantos outros biomas brasileiros e internacionais. bolsonaro e damares estão bombardeando nosso país com milícias oficiais de violência e de desmonte de políticas públicas conquistadas à base de muito trabalho, muita ética e muito compromisso com todos os sistemas interconectados da Terra, sejam geofísicos, biológicos ou tecnológicos.*

*bolsonaro e damares avançam no ataque ao meio ambiente e à diversidade de vidas. **Manifestamos nossa profunda indignação a mais uma afronta e desrespeito à luta ambientalista.***

*FORA bolsonaro!"*

Pude, então, através desse feito, sentir como a vida é potente, pulsante e inebriante coletivamente. Obrigada Michele mais uma vez.

Michele presente, ou melhor, Mimi.

*As memórias são a vida eternizada.  
Vanessa Balochini*

## Homenagem à Michèle

Vera Catalão<sup>1</sup>, Claudia Pato<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo. PPGE/Universidade de Brasília

Michèle foi amante da Vida  
das cores, formas, cheiros, sons,  
sabores, raízes e texturas,  
manifesto criativo  
do ser natureza e cultura.  
Michèle viveu a arte de viver  
na fruição estética,  
na pesquisa-ação de mãos dadas  
com as comunidades de vida e  
em estado de afeição.  
A matéria vida se rompeu,  
mas a chama não se extingue  
quando o verbo incandesce  
Michele é semente e não fenece.

Querida Michèle, sua generosidade e amorosidade tocaram nossos corações. Sua luta nos mobilizou e inspirou. Você estará para sempre em nossos corações, pulsando vida.

## Mimi: um arco-íris de esperança

Victor Hugo de Oliveira Henrique<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Licenciado em Ciências Biológicas e em Pedagogia, Doutor em Ciências Ambientais (UNEMAT), Doutorando em Educação (IE/UFMT), integrante Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA).



Mimi, como gostava de ser chamada, sempre foi uma mulher à frente do seu tempo, vivendo e militando em meio a (bio)diversidade. Lembro quando fui conversar com ela sobre uma ideia para o doutorado, em 2019 e ela achou o tema magnífico, estava mais empolgada que eu, me recheando de motivação e energia para a pesquisa. Pesquisar a comunidade LGBTQIAP+, em especial a população travesti e transsexual na perspectiva da justiça climática e da Covid-19 foi claramente um desafio, em especial por não existir nenhum trabalho que dialogasse com esses temas.

Ao longo do doutorado, Mimi teve muita paciência comigo, pois a cartografia do imaginário e fenomenologia eram caminhos novos para mim e a cada momento de orientação ela me energizava e praticava seu amor e carinho. Mas com o tempo, conciliar trabalho (período de estágio probatório) e o doutorado, foi se tornando algo difícil, em especial por ter tomado posse em um concurso em uma cidade muito conservadora, que é Sinop e em um diálogo com Mimi em março de 2023 decidimos trancar o doutorado por um período de um ano. Seria um tempo para organizar a vida, o trabalho e as demais pendências que eu tinha.

Me emocionei no dia da conversa e ao escrever esse texto, revisitando minha conversa com Mimi, me emocionei novamente, suas palavras estão guardadas no meu coração. GRATIDÃO QUERIDA MIMI

vic,  
por vezes adiamos sonhos, cancelamos outros...  
mas outros tantos sonhos poderão ser possíveis.  
fique bem - é o mais importante ♥  
respire fundo, retome.  
caminhe, querido vic ♥<sup>13</sup>

<sup>13</sup>Diálogo via WhatsApp com Michèle Sato em 07/03/2023

## A compreensão do ser em sua inteireza

Yára Christina Cesário Pereira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Pesquisadora na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Itajaí-SC

Era uma tarde de outono de 2002... professora Michèle Sato não me conhecia. Eu? Uma fã incondicional, apaixonada. Esteve na Univali e nos encontramos. Havia elaborado um artigo, sem muita pretensão. Ela teve acesso e leu ali mesmo e perguntou: quem é Yára Christina. Meu coração saltou do peito. Com um olhar atento, carinhoso, brilhante, respeitoso. Perguntou: posso publicar teu artigo em nossa revista? E o texto terminava assim: A “educação” ambiental está no espaço de vivência cotidiana, na luta por casa, comida, educação, saúde, prazer, por vida digna, pelo direito à vida que não prescinde de deveres na (re)invenção do Estado, na força da coletividade organizada e na leitura do cenário macroestrutural, na tarefa do “agir local consubstanciado no pensar global”.

Prof. Michèle... teu jeito acolhedor, tua racionalidade emotiva que me ensinou(a) a “desenhar o cheiro das árvores” e a “escutar a cor dos passarinhos” (BARROS, 2016, p.17) marcou indelevelmente meu coração.

E, quando a “saudade, esse pássaro rebelde, que não respeita nem tempo, nem espaço, voar nostalgicamente pelo infinito do meu pensamento, será também para ti Prof. Michèle que estarei sorrindo, naquele canto do coração que tu tão bem soubeste conquistar”...



Um abraço amoroso e agradecido.

## Dança da Alegria

É uma dança de alegria,  
Alegria de viver de Mimi Sato,  
Alegre conviver com tanta gente querida.

Seguem agora seus átomos surreais,  
Um retorno ao Universo, gerando intensidades.  
E pra lá das tristezas do existir fisicamente,  
As alegrias dela preenchem cada um(a) de nós.  
Fortalecendo nossos dias.

Luiz Afonso V. Figueiredo (30 maio 2023)



Fonte: Wagner Passos